

*Relatório Parcial de Pesquisa de Iniciação
Científica*

Mídia e polícia na (des) construção do movimento punk
paulistano

Bolsista

Flávia Lucchesi de Carvalho Leite

Orientador

Edson Passetti

SÃO PAULO

2012

SUMÁRIO

1.Relatório das Atividades.....	3
1.1.Atividades desenvolvidas.....	3
2.Relatório Científico.....	7
2.1.Resultados preliminares.....	7
2.1.1. <i>Rock, punk</i> , mulheres e espaço.....	8
2.1.2. <i>The herstory</i> e as meninas da cena <i>punk</i>	14
2.1.3.Mídia e <i>riot grrrl</i>	28
2.2. Cuidado de si e cuidado do outro.....	37
2.2.1. A união das mulheres.....	38
2.2.2. Auto-ajuda.....	40
2.3.Sexo.....	42
2.4 Resignificações e demolições.....	46
2.4.1. A novo linguagem <i>slut</i>	47
2.5.Resumo da pesquisa.....	49
2.5.1. <i>Angry Women</i>	49
2.5.2. Vídeos: <i>Don't need you – The Herstory of Riot Grrrl</i> e <i>Bella Donnas</i> – as meninas da cena <i>punk</i>	52
2.5.3.Notícias do acervo da Folha de S. Paulo.....	53
2.6.Cronograma de trabalho da segunda parte da pesquisa.....	54
Referências.....	55

1.RELATÓRIO DAS ATIVIDADES

1.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O presente relatório apresenta o desenvolvimento dos primeiros seis meses de pesquisa, a qual tem como objetivo mostrar como foi possível o movimento *riot grrrl*, metamorfose da máquina de guerra (DELEUZE, 2008) *punk*, e como este movimento se constituiu, se modificou e para onde se redimensionou.

Para tal, não perdendo de vista a forte relação entre o movimento *punk* -e suas vertentes- com a mídia, fiz um levantamento de todas as notícias relacionadas ao movimento *riot grrrl* a partir do acervo virtual de notícias do site do jornal *Folha de S. Paulo*. Utilizei essas notícias para perceber a relação entre eles e como a mídia construiu e veiculou um perfil das *riot grrrls*.

Fazendo a leitura das notícias do acervo digital da Folha de S. Paulo, levantei algumas novas bibliografias para a pesquisa, dentre elas o livro *Angry Women in Rock* da cientista social Andrea Juno. Pesquisando um pouco mais sobre esse livro na internet, descobri que a autora havia publicado, anteriormente, o livro *Angry Women* tratando não de mulheres roqueiras como na primeira obra aqui citada, mas de nomes importantes do que se convencionou chamar de “cultura feminista”.

Resolvi fazer a leitura desse livro antes, ao invés de partir direto para a leitura das “roqueiras zangadas”¹, que se associa mais diretamente ao tema da minha pesquisa. Optei por essa leitura inicial a fim de tomar contato com práticas, discursos e enunciados que antecederam – reproduzidos, redimensionados ou mesmo refutados – os

¹ O livro traz entrevistas com Chrissie Hynde, Joan Jett, Phranc, Jarbone, Fanny, Candice, Kendra Smith, Naomi Yang, Kathleen Hanna, Bettina Richards, Lois e as bandas Tribe 8, 7 Years Bitch.

discursos e práticas do movimento *riot grrrl*. Pensando a análise desses discursos a partir de Michel Foucault

“Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996:8).

O livro *Angry Women* é composto por uma série de entrevistas realizadas pela autora Andrea Juno com Kathy Acker, Susie Bright, Wanda Coleman, Valie Export, Karen Finley, Diamanda Galás, bell hooks, Holly Hughes, Lydia Lunch, Kerr & Malley, Linda Montano, Avital Ronell, Sapphire, Carolee Schneemann e Annie Sprinkle. Selecionei trechos de entrevistas com algumas dessas mulheres as quais penso haver procedências daquilo que depois veio a se constituir o movimento *riot grrrl*.

Os livros *Angry women in rock*, *Rock she wrote* e *Girls to the front*, descobertos a partir do meu levantamento bibliográfico, serão analisados somente no próximo relatório devido a dificuldade de acesso a este material, indisponível para compra no mercado nacional.

Nesta primeira parte da pesquisa foram utilizados alguns livros sobre o movimento *punk* - *O que é punk* de Antonio Bivar e *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira* de Silvio Essinger; além de pesquisas sobre este movimento e o *riot grrrl*, sobre este último as dissertações *Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo* de Érica Isabel de Melo e *O grito das garotas* de Fernanda Rodrigues. Houve dificuldade em encontrar bibliografia específica sobre o *riot grrrl*. São poucas as pesquisas e não há livros nacionais publicados sobre o assunto, ademais, os livros publicados no exterior não possuem tradução nem comercialização em livrarias brasileiras.

Arelada a essa leitura, analisei alguns materiais produzidos pelas próprias *riot grrrls* como *fanzines*², *webzines*, letras de músicas e vídeos disponíveis na internet. Dentre os vídeos, destaco *Bella Donnas – Meninas da Cena Punk* desdobramento do trabalho de conclusão de curso de Anelise Paiva Csapo sobre o *riot grrrl* nacional e *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl* documentário de Kerri Koch que conta, através de depoimentos, a história do início do movimento *riot grrrl* em seu local de origem; as cidades de Olympia e Washington DC, Estados Unidos.

Realizada essa leitura, feitas as seleções e análises do material, foi possível buscar as procedências e a constituição do movimento *riot grrrl*. Pretendo, neste relatório, mostrar esse processo e problematizar suas implicações políticas tendo em vista as resistências na sociedade de controle (DELEUZE,2010).

Nestes meses de pesquisa fui a alguns eventos relacionados ao tema pesquisado. *Show das bandas Dominatrix e Repentina*, realizado no dia 09 de janeiro de 2011 na casa de noturna Outs, na rua Augusta. *Mesa de debate Feminismo e Pornografia no Festival Pop Porn*, realizada no dia 01 de junho de 2011 na Galeria Vermelho, foi formada com Elisa Gargiulo (mediadora), vocalista da banda Dominatrix e ativista feminista; Heloisa Passos, fotógrafa e cineasta; Bruna Vieira, atriz pornô e stripper virtual; Penélope Nova, vj da MTV e ex-apresentadora de programas sobre sexualidade voltados ao público jovem e Tica Moreno, militante da Marcha Mundial das Mulheres, blogueira feminista. *Contestação, comunicação e consumo: a cena Straight Edge na*

² “Literalmente, significa uma ‘revista de fã’. Pequenas publicações, feitas de modo artesanal e criadas por fãs de alguma banda, estilo musical ou até mesmo outras artes, como quadrinhos, cinema etc. Do seu surgimento, nos anos 70, até os tempos atuais, desenvolveram-se a ponto de termos *fanzines* com a mesma qualidade editorial e gráfica de revistas encontradas em bancas de jornal”. (O’HARA,2005:187) A importância dos *fanzines* para o movimento *punk* é assinalada por Moraes: “Tratava-se, na verdade, de problematizar esse cotidiano do qual falavam, de questionar esse ou aquele tipo de crítica, de se perguntar pelo melhor meio de resistir na atualidade, de repensar algumas atitudes e condutas, refletir sobre o que era afinal ser *punk* e o que se estava fazendo de si mesmo” (MORAES, 2008:3).

cidade de São Paulo, apresentação do resultado de pesquisa de mestrado de Denise Tangerino, realizada na PUC-SP dia 02 de junho de 2011. *Slut Walk – Marcha das Vadias*, realizada no dia 04 de junho de 2011 com concentração na Praça do Ciclista e dispersão na Rua Augusta, enfrente ao Comedians. *Verdurada*, evento *straight edge* realizado no dia 05 de junho de 2011 na Ego Club, centro de São Paulo. *Riot Grrrl – Hallohímen* da festa *gay* Valentina realizada no dia 28 de outubro de 2011 na casa noturna Open Bar, no bairro de Pinheiros, com discotecagem da vocalista do Dominatrix, Elisa Gargiulo. *Simpósio Paisagens com Mulheres de Autoridade* realizado no dia 09 de novembro de 2011, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o evento foi oferecido pelo Inanna (Núcleo Transdisciplinar de Investigações de Sexualidades, Gêneros e Diferenças), participaram do debate as professoras Carla Cristina Garcia, Marijane Lisboa e Norma Telles como mediadora. Acompanhei algumas mesas do VII Colóquio Internacional Michel Foucault *O mesmo e outro. 50 anos da História da Loucura (1961-2011)* também realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo nos dias 24, 25, 26 e 27 de outubro de 2011. Mais adiante retomarei algumas pontuações das exposições dos professores Peter Pál Pelbart, Margareth Rago, Carmen Soares, Tânia Navarro Swain, Denise Sant’Anna, Edson Passetti, Salete Oliveira e Guilherme Castelo Branco. Retomarei, mais adiante, algumas dessas atividades.

Foram realizadas uma série de atividades junto com o grupo de pesquisa do projeto temático Fapesp *Ecopolítica: governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle*. O contato com os integrantes do projeto, desde os pesquisadores mais experientes até os outros bolsistas de iniciação científica, em atividades de pesquisa e reuniões foi imprescindível para a realização da pesquisa aqui apresentada.

A orientação foi atenta, acompanhando os trabalhos realizados e dando retornos pontuais que, somados as conversas e reuniões com a bolsista, foram compondo o desenvolvimento da pesquisa.

2.RELATÓRIO CIENTÍFICO

2.1. RESULTADOS PRELIMINARES

A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo inicial mostrar como a máquina de guerra *riot grrrl* que, enquanto tal, dispôs de mecanismos fortes contra o Estado, pôde ser por ele derrotada; sedimentarizada, guetificada e a ele atrelada, reivindicando direitos e segurança e, portanto, reafirmando o seu funcionamento e dando continuidade a sua existencia.

Contudo, durante a pesquisa pude notar que a derrota da máquina de guerra *riot* não se deu somente pela afirmação de um discurso sedento por direitos próprio as reivindicações de minorias despotencializadas na sociedade de controle³ como supunha minha hipótese inicial.

Tendo em vista as outras forças que atuaram nesse processo, direcionei minha análise para três eixos: o *cuidado de si e o cuidado do outro*, o *sexo* e as *resignificações e demolições* presentes no discurso e nas práticas das *riot grrrls*, pensando sua relação com os discursos enunciados por vertentes feministas, apontadas como influentes em sua constituição, e com o movimento *punk*. Tudo isso sem perder o viés da resistência da máquina de guerra (DELEUZE, op.cit.).

³ “O poder falar democrático, o existir enquanto direito incita minorias a produzirem discursos identitários, a serem maiorias, e ao serem isto se pronunciam como o ‘eu’ em oposição ao outro. Esta é a maneira pela qual a sociedade de controle organiza seus dispositivos de poder, especificando e localizando cada uma das possíveis resistências e as colocando enquanto demanda participativa, representada por um agente democrático capturado dentro da própria organização, exercendo função de polícia e educador” (NARDELLI, 2010:26).

No processo de reconstituição e análise da história do movimento *riot grrrl* procurei balizar-me por algumas questões estabelecidas a partir das reuniões com o meu orientador e a partir de elementos e inquietações que surgiram ao longo da pesquisa, em especial, suscitadas por algumas atividades e seminários oferecidos pelo projeto temático Fapesp *Ecopolítica: governamentalidade planetária e resistências na sociedade de controle*.

As perguntas foram:

Quais as implicações do discurso democrático de direitos e dos direitos humanos no rumo do *riot grrrl* e das mulheres a ele vinculadas?

Qual a nova linguagem introduzida pelo *riot grrrl*, a qual pensamento político se vincula e o que é esse novo feminismo?

Maioridade da sexualidade feminina, resignificações do sexo e do prazer, e *riot grrrl*: práticas de liberação ou práticas de liberdade e experimentações?

A seguir exponho os resultados dessa primeira parte da pesquisa dispostos em quatro movimentos. Os dois primeiros se propõem a demonstração da constituição e precedências do *riot grrrl* retomando sua história em seu local de origem, Estados Unidos, e no Brasil. Na sequência segundo abordo a relação entre o movimento e a mídia e, por fim, apresento minha análise sobre as implicações políticas do *riot grrrl* a partir dos três eixos acima citados.

2.1.1. ROCK, PUNK, MULHERES E ESPAÇO

A falta de espaço para as mulheres dentro do rock'n roll, bem como a inexistência de uma "cultura feminina" (Finley apud JUNO,1999:45), já vinham sendo

reclamadas e problematizadas por algumas mulheres antes mesmo da eclosão *riot* dentro do *punk*.

Diamanda Galás, musicista entrevistada por Andrea Juno na pesquisa que deu origem a obra *Angry Women*, diz não ter tido problemas no início de sua carreira musical. Pianista de alta qualidade foi bem acolhida por este meio, apesar da maioria masculina que o compunha. Com o tempo, Galás migrou dos pianos para os vocais. Ela queria que todos os instrumentos da banda respondessem a ela, a sua voz e suas expressões não-verbais; isso por pensar a voz como um instrumento político, veículo de transmissão de conhecimento e poder. Neste momento Galás começou a enfrentar muitas críticas. Não somente pelo fato de ser mulher a frente de uma banda, mas por trazer a temática da AIDS para a música e por incitar que mais artistas o fizessem. Ela destaca na entrevista uma provocação de Lemmy, vocalista da banda Motorhead “Se você não poderia ser menos detestável quanto a essa situação” e responde: “A maior parte do rock’n’roll business é um negócio totalmente inútil; essa música deveria ser incendiária, era para ser a música da revolução – não essa porra de ‘o quão grande está o meu pinto hoje?’ E ‘eu sou cara bom de qualquer forma’” (Galás apud JUNO, 1991:13). Retoma a crítica mais adiante “Cantar rock é algo que os homens fazem para transar ou ter seu pau chupado depois de uma turnê (SIC) Todos os cantores de rock estão apenas cantando para seus pintos! Bem, eu não estou cantando para o meu pinto!” (Galás apud JUNO 1991:17)⁴.

⁴ “If you’d just be less obnoxious about this situation” e responde: “Most of the *rock’n’roll* business is a totally worthless establishment; its music was supposed to be incendiary, it was supposed to be the music of revolution – not this fucking wimpy ass shit, ‘How big is my penis today? And ‘I’m a good guy anyway’” (Galás apud JUNO, 1991:13). Retoma a crítica na página 17 “*Rock* singing is something men do to get laid or get their cock sucked after a gig (...) All *rock* singers are just singing to their dick! Well, I’m not singing to my dick!” (Galás apud JUNO, 1991:17). Traduzido por mim.

A crítica da cantora ao *rock* se aproxima ao discurso das *riot grrrls* que vêem o *rock* como um espaço aonde se pode passar a mensagem da revolução, no caso, a revolução das garotas e que também é bombardeado por elas por ser um meio de condutas machistas.

Linda Montano, artista estadunidense em entrevista à Andrea Juno, contou histórias de sua infância quando sentiu, pela primeira vez, o peso das diferenças entre as posições ocupadas pelos homens e as posições ocupadas pelas mulheres. Ela diz que a sua primeira reação foi querer estar no lugar dos homens.

Essa passagem da entrevista me remeteu a música *I wanna be where the boys are* da banda The Runaways⁵, uma das primeiras bandas de *rock* composta só por mulheres, apontada como uma das procedências do *riot grrrl*.

“Selvagem nas ruas, apenas viva/ Mamãe sempre me dizendo para ficar dentro/ Não saia com aqueles rapazes/ Logo estará apaixonada por eles/ Eles são todos brinquedos da noite/ Eu quero estar aonde os garotos estão/ Eu quero brigar como os garotos brigam/ Eu quero amar como os garotos amam/ Eu quero estar aonde os garotos estão/ Ouça o amor intenso, eu tenho o movimento/ Vizinhos estão me espionando, tenho que me esconder/ Eu sou a puta com a guitarra ardente/ Eu sou o ar, o sol e as estrelas”⁶

Karen Finley, artista também entrevistada em *Angry Women*, comenta a marginalização dos artistas, tidos usualmente como instáveis, histéricos e excessivos, procurando distinguir as pressões sobre os homens artistas das pressões sobre as mulheres artistas. Dos homens se espera uma postura mais irresponsável, enquanto das

⁵ Sobre isso ver filme *The Runaways* de Floria Sigismondi.

⁶ “Wild in the streets, barely alive/Mama's always telling me stay inside/Don't you hang around with those young boys/Soon you'll be lovin' them/They're all night toys/I wanna be where the boys are/I wanna fight how the boys fight/I wanna love how the boys love/I wanna be where the boys are/Hot love heat, I got the drive/Neighbours been bugging me I gotta hide/I am the bitch with the hot guitar/I am the air, the sun and stars”. Traduzido por mim.

mulheres, essa postura irresponsável é tida como anormal, ela afirma. Em decorrência disso, ela nota que as mulheres artistas tentam parecer com os homens para que suas posturas de excesso sejam aceitas. Ela cita como exemplo a cantora Janis Joplin e critica o uso de drogas, álcool e esse estilo de vida que julga irresponsável.

A crítica a essa “postura irresponsável” semelhante a conduta dos *rockstars* masculinos é comum a algumas análises de *riot grrrls*. A própria Andrea Juno, em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo, procurando diferenciar as *riot grrrls* das demais mulheres roqueiras (as chamadas *angry white females*, as quais abordarei mais adiante), afirma que essas mulheres apenas reproduzem a conduta dos homens roqueiros, tendo como ponto crucial o sexo e as drogas, “não havendo nada menos feminista”⁷.

Mais adiante, Karen reclama a inexistência de uma arte feita por mulheres e para mulheres; a inexistência de uma “cultura feminina” a qual, ela acredita, levaria a uma mudança radical, revolucionária e salvacionista.

Essa vontade por uma arte de mulheres, para mulheres, dotada de um potencial revolucionário é muito semelhante a impulsionadora do movimento *riot grrrl*. No documentário sobre o surgimento do *riot grrrl*, *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl* - a vocalista da banda Bratmobile, Allison Wolfe, aponta a importância, naquela época, de se criar um espaço dentro da cena *punk* só de garotas; um espaço a ser dominado pelas garotas.

Antes do *riot grrrl*, Allison Wolfe afirma que se sentia sem poder⁸ e sem meios para expressar uma série de coisas que ela vivenciava e que eram importantes para ela. Além disso, assim como Corin Tucker, vocalista das bandas *riots* Heavens to Betsy e

⁷ Reportagem publicada no caderno Ilustrada no dia 02 de julho de 1996. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1996/07/02/21> Acessado em 01 de agosto de 2011.

⁸ Numa tradução ao pé da letra “desempoderada”. Penso ser importante salientar essa diferença em função das expressões comuns ao discurso *riot grrrl*; “girl power” e “empoderamento” (MELO, 2008).

Sleater-Kinney, e Natalie Cox, fundadora do selo de bandas *riots* Kill Rock Stars; ela comenta alguns incômodos que as garotas sentiam ao frequentar shows de bandas *punks* como o fato delas não poderem ficar perto do palco nem entrar no pogo (nome dado a dança dos *punks*) e de sofrerem agressões dos garotos ou ficarem, do lado de fora da roda do pogo, segurando suas jaquetas enquanto eles pogavam. Madigan Shive, vocalista das bandas Tattle Tale e Bonfire Madigan, comenta o incômodo que sentia por não poder ir para a roda *punk* e por ver que as outras garotas também não podiam.

Mark Aderson, historiador da cena *punk* de Washington D.C., confirma as afirmações das garotas dizendo que a cena de Washington era dominada pelos garotos e que episódios machistas eram comuns. Ele exemplifica contando de um show em 1982 no qual os garotos da banda que estava se apresentando (não cita o nome da banda) começaram a entoar “Girls are poop!”⁹ tendo respaldo do público.

Antes das bandas que surgiram com o *riot grrrl*, as garotas entrevistadas comentaram alguns nomes de bandas e cantoras que elas ouviam e gostavam. Nomes como: Joan Jett, The Slits, The Raincoats, Kleenex e Yoko Ono. Allison comentou gostar de algumas bandas da cena *hardcore* dos Estados Unidos que tinham vocalistas mulheres, citou Viva Knieval, banda em que Kathleen Hanna, um dos nomes mais importantes do *riot grrrl*, cantava antes do Bikini Kill. Natalie e Corin comentam influência única do Bikini Kill.

Anterior a essas bandas, ao *riot grrrl* e ao próprio *punk*, fui atrás da cantora Patti Smith a partir de seu romance *Só garotos*. A Patti Smith foi um dos grandes nomes do *underground* novaiorquino, da cena desenvolvida no bar CBGB que influenciou a composição do *punk* inglês e é uma referência enquanto mulher musicista no *rock*.

⁹ Traduzindo seria algo como: “Garotas são merdas!”.

É difícil trazer uma obra como essa para a análise que me proponho fazer. O livro narra o romance entre Patti e o amor de sua vida, Robert Mapplethorpe e, ao longo da narrativa, percorre a vida artística de Patti, sua inserção e eclosão no meio musical, as agitações do CBGB e passam por ele figuras importantes do *rock'n roll*, inclusive Janis Joplin que, apesar de não ser influência do *riot grrrl*, é um dos poucos e prestigiados nomes de mulheres no *rock*.

O livro não trata da história de Patti como cantora, de sua vivência no *rock*, no CBGB, mas esbarra nesse momento de sua vida. Não há elementos, discursos, nem passagens que eu consiga vincular de maneira pontual ao que foi feito nessa pesquisa até agora. Patti não conta casos de machismo, não demonstra ter tido dificuldade por ser mulher e resolver cantar. Ela toca em um compromisso político com a arte, mas não é algo panfletário, dogmático, nem explicitamente vinculado a algum pensamento político.

Com certa recorrência, em várias passagens do livro Patti esbarra em questões relativas a construções de gêneros e identidades, quando, por diversas vezes, foi confundida com um homem por apresentar um visual andrógeno ou mesmo no início do livro quando conta uma discussão com sua mãe

“‘Patrícia!’ ralhou minha mãe, ‘veste uma camisa!’ ‘Está muito quente’, reclamei. ‘Ninguém está de camisa’. ‘Quente ou não, já está na hora de você começar a se cobrir. Você está virando mocinha’. Protestei com veemência e anunciei que eu nunca viraria outra pessoa senão eu mesma, que eu era do clã do Peter Pan e a gente não crescia” (SMITH;2011:19)

Mesmo não sendo citada como referência ou influência para o *riot grrrl*, Patti foi uma influência impreterível ao *punk*, fez parte da máquina de guerra (DELEUZE,op.city) *underground* metamorfoseada no *punk* que, por sua vez,

metamorfoseou-se no *riot grrrl*. Além de ser uma mulher conhecida em um meio, até hoje, majoritariamente masculino e machista, como a pesquisa tem apontado até agora.

Vale aqui diferenciá-la das *riot grrrls*. Patti Smith saiu da casa dos pais em Nova Jersey, Estados Unidos, com vinte anos de idade rumo a Nova York aonde tentaria a vida como artista. Sem dinheiro ela ficou nas ruas da cidade e foi onde encontrou Mapplethorpe. Foi em Nova York, no meio de artistas da contracultura, circulando pelos corredores do Hotel Chelsea, que Patti Smith acabou se arriscando na música. Diferente das *riot grrrls*, provenientes da classe média estadunidense – e aqui da classe média brasileira – que foram para a cena¹⁰ *punk* e da cena *punk* sentiram necessidade de criar uma cena só delas, a cena *riot grrrl*.

Pretendo, no próximo movimento da pesquisa, situar, ainda que brevemente, algumas bandas de mulheres anteriores ao *riot grrrl*, em especial a banda The Runaways, a partir da análise dos livros *Angry women in rock* e *Rock she wrote* (já comentados nesse relatório).

2.1.2. THE HERSTORY E AS MENINAS DA CENA PUNK

A fim de reconstruir e a analisar a história do *riot grrrl*, em seu surgimento nos Estados Unidos e aqui no Brasil, partindo da memória das *riots* que fizeram parte desses processos, trarei aqui o documentário *Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl* de

¹⁰ “Uma das palavras mais pronunciadas pelos *punks* (e por suas vertentes, sendo muito utilizada pelas *riot grrrls*), designa o ambiente em que estes circulam. Assim, a ‘cena’ é composta pelas casas onde acontecem os shows, pelas lojas que vendem discos *punks*, pelas distros (distribuidoras) que distribuem material *punk* e, obviamente, pelos próprios *punks*, como na expressão ‘fulano(a) faz parte da cena’ (O’HARA,2005:185).

Kerri Koch e o vídeo do trabalho de conclusão de curso de Anelise Paiva Csapo *Bella Donnas – meninas da cena punk*.

A escolha de pensar a história do movimento a partir da memória das *riots*, documentada nesses vídeos, se deu pela possibilidade de analisar o discurso das garotas sem interlocutores; mesmo porque, as publicações a cerca deste tema são muito escassas. No próximo relatório pretendo complementar a análise do *riot grrrl* estadunidense a partir da obra *Girls to the front*, como também já assinalei anteriormente.

No caso da reconstrução da história do *riot grrrl* brasileiro tenho encontrado ainda mais dificuldade devido a quase inexistência de materiais publicados sobre o tema. Até mesmo o vídeo *Bella Donnas* não fornece tanto material de análise como o vídeo *Don't need you*, sendo mais curto, não tão bem editado e trazendo uma série de entrevistados o que torna o material, ao meu ver, mais rarefeito. Portanto, utilizo também nessa reconstrução algumas informações colhidas no acervo da Folha de S. Paulo.

Don't Need You – The Herstory of Riot Grrrl

Analisarei primeiro as falas dos entrevistados, reconstruindo a história do início da cena *riot*, depois irei aos trechos exibidos no documentário extraídos do *The Riot Grrrl Manifesto*, publicado na segunda edição do *fanzine Bikini Kill* e assinado por Kathleen Hanna, e às músicas de excertos de shows que também compõem o documentário.

Allison Wolfe diz não ter existido um marco inicial do movimento *riot grrrl*. Ela e muitas meninas da cena *punk/hardcore* de Olympia saiam juntas e escreviam *fanzines*, salientando questões importantes e inquietantes para elas.

Kathleen Hanna vivia em Washington D.C. nessa época e, incitada pelo que as meninas de Olympia estavam agitando, foi atrás de outras garotas interessadas e começou a fazer algumas publicações em formato de *fanzines*. Ela diz que não havia a expressão *riot grrrl* para denominar aquilo e que ela só entrou nessa movimentação por sentir necessidade de uma “união entre as mulheres”. Kathleen arrisca apontar o início do movimento com a publicação do *fanzine Riot Grrrl* escrito pela Allison e pela Molly Neuman.

O grupo de garotas e transexuais de Olympia ia para Washington se reunir com as garotas de lá e o número de meninas interessadas começou a aumentar, bem como o número de *fanzines* publicados. Allison e Kathleen ia se articulando e articulando as duas movimentações, de Washington e Olympia. Elas ressaltam que ninguém tinha idéia, nem pretensões, do que aquilo viraria.

O uso da palavra *riot* (revolta)¹¹ já era usual nessas publicações e no discurso que vinha se enunciando; a expressão *grrrl*, como referência a *girl* (garota) e um som onomatopéico para expressar algo próximo de um rosnado, produzido pelo excesso de erres (r), também já era comum. Segundo Allison, quem juntou as duas palavras e nomeou “o que vocês estão fazendo é uma *grrrl riot*” foi Jean Smith (da banda Mecca Normal).

¹¹ (Michaelis) *ri.ot* *n* **1** distúrbio, tumulto, agitação. **2** desordem violenta, grande confusão, levante, motim, revolta. **3** intemperança, excesso, devassidão, folia, barulho, vozerio. **4** ocasião ou pessoa muito divertida. **5** profusão, exuberância (de cores). **6** grande sucesso. • *vt+vi* **1** provocar distúrbios, desordens, fazer barulho ou algazarra. **2** levantar(-se), amotinar(-se), revoltar(-se). **3** passar o tempo à toa e desperdiçar dinheiro. **to run riot** a) cometer excessos, tornar-se violento. b) *fig* crescer exuberantemente (planta).

O *riot grrrl* introduziu o feminismo como estilo de vida abrindo um novo espaço na cena *hardcore*. Todos os entrevistados afirmam terem sido, de alguma maneira e em diferentes intensidades, afetados por isso.

As garotas que trouxeram elementos dos feminismos para a consolidação do *riot grrrl*, Kathleen Hanna e Allison Wolfe, comentam como tiveram contato e passaram a se colocar como feministas. Kathleen diz ter descoberto o feminismo lendo Betty Friedan e Allison diz ter ido atrás do feminismo após ter sido agredida por um namorado quando foi terminar o relacionamento com ele. As outras garotas entrevistadas se sentiram tocadas pelo feminismo a partir do *riot grrrl*. Como influência direta na consolidação do feminismo *riot grrrl*, Kathleen aponta June Jordan, Barbara Christian e bell hooks.

bell hooks foi mais uma das mulheres entrevistadas pro Andrea Juno no livro *Angry Women*. Trarei aqui trechos dessa entrevista, assinalando para um dos feminismos que fomentou o feminismo *riot grrrl*.

Assim como Allison, bell entra no feminismo a partir da violência contra uma mulher. Em um artigo na *Z Magazine*, bell narra uma das vezes em que presenciou seu pai agredindo sua mãe, quando ainda era criança. Ela comenta a dificuldade de expor sua vida “particular” e, mais ainda, a de seus pais, mas ela apresenta essa ruptura entre o que deve permanecer privado e o que deve ser tornado público, através de elementos sensíveis, como uma ruptura necessária para trazer a tona aspectos e acontecimentos “privados” que, segundo ela, interferem no meio público; no caso a perpetuação da violência contra as mulheres.

bell repudia a tipificação das mulheres que sofreram esse tipo de violência enquanto vítimas, mas não chega a associar a vitimização à vingança do algoz e defende

que essas mulheres utilizem a raiva e a dor que sentem para reagirem. Ela diz ter sido motivada a se tornar uma escritora feminista pela vontade de aniquilar a “categoria universalizada: mulher”. Com relação a “teoria feminista dominante” bell afirma ter trazido uma enorme contribuição ao inserir a mulher negra enquanto objeto de uma opressão sexista específica, mas sujeito da mesma ação política.

Voltando seu olhar para o racismo, defende também a necessidade de se analisar como se dá o processo de separação da comunidade negra e das mulheres, sem perder de vista, o desenvolvimento de uma nova visão de expansionismo, diferente do imperial, a fim de romper com as políticas excludentes. Ela inicia, em suas palavras, um movimento de resistência dentro do movimento feminista, contrario a idéia de que as mulheres compartilham uma única dificuldade. Para ela existem várias dificuldades diferentes, enfrentadas por mulheres diferentes (divididas em categorias). Ela ressalta o peso das questões étnicas e econômicas, pensando as em termos de classes sociais.

Além de continuar a pensar por meio de categorias, bell parece, muitas vezes, estar preocupada em encontrar, em meio a luta feminista e os efeitos do machismo, a categoria de mulheres que seja, de fato, a mais oprimida.

Para ela, as mulheres negras estão num outro estágio de revolta contra a elite dominante, mas elas se encontram ainda mais “marginalizadas e vulneráveis” em espaços acadêmicos e institucionais e sentem-se ainda mais policiadas. Sem contestar as pontuações feitas por ela, apenas destaco a aceitação da construção enquanto vulneráveis e a reivindicação por inclusão nos espaços institucionais, mostrando uma revolta mais direcionada a uma reforma inclusiva.

Sobre o papel político da arte, bell afirma ser necessário não só mostrar as coisas como elas são, mas contemplar uma mudança possível.

Com relação a consolidação de um novo feminismo, algumas das entrevistadas vinculam a atividade enquanto musicistas em bandas *riot* como um ativismo (Kathleen Hanna) e outras não (Corin Tucker). Para Sharon, da banda Chalk Circle, o feminismo antigo dava muita importância às questões econômicas e esse feminismo *riot* trazia questões que a atingiam mais como a preocupação com a potencialização artística das garotas. Já Kathleen caracteriza esse feminismo como um feminismo jovem – “young feminism”- que propicia um lugar aonde as garotas podem se sentir incluídas, sair, se divertir, fazer coisas incríveis, errar e aprender umas com as outras. Madigan destaca também a importância desse novo feminismo na criação de uma outra comunicação entre as garotas.

Apesar da influência de bell hooks e da relevância dada por ela as questões específicas das mulheres negras, a única entrevistada a lançar críticas ao movimento, Dasha Bikceem, do Gunk *Fanzine*, critica a cena *riot grrrl* e a cena *punk* por não ver, em nenhuma das duas, espaço para pessoas que não fossem brancas. Critica a seletividade do movimento *riot grrrl* que ignora o racismo e as diferenças econômicas. Para ela, o movimento sempre foi restrito a garotas *punks* brancas e de classe média. Apesar de se sentir maravilhada com tudo aquilo que estava acontecendo, ela não se sentia em seu espaço, ali não havia “gente como ela”. Além disso, ela reclama do tom do *fanzine Riot Grrrl* pelo fato dele se assemelhar a um manifesto, demonstrando muita preocupação em dizer “*riot grrrl* é isso”, “*riot grrrl* é aquilo”.

A primeira apresentação da banda Bikini Kill, banda da Kathleen Hanna e uma das mais importantes bandas *riots* da história, foi em uma casa de shows da cena

*straight edge*¹² em Washington chamada *DC Space*, no ano de 1991. Natalie, que assistiu ao show, com seu namorado e uns amigos, diz ter ficado extasiada e a primeira coisa que pensou foi “também quero fazer isso”. Seu namorado e seus amigos não gostaram da banda. Mark e Ian (vocalista da banda Fugazi), que também assistiram ao show, o classificam como legendário e incrível; segundo Mark, foi um show com a potência de explodir toda a cena.

A partir daí, as meninas foram organizando uma série de shows e festivais. Corin conta do festival *Uncola* no qual os homens que fossem de vestido pagariam o mesmo preço pela entrada do que as garotas (U\$3,00), caso contrário pagariam mais caro pelo ingresso (U\$4,00). Mesmo com a pequena diferença de preço, Corin diz que os garotos ficam muito irritados e relutantes.

O documentário se encerra com um trecho de uma entrevista com a banda Bikini Kill em 1991 (o documentário é de 2005) na qual Kathleen já sinaliza que elas estavam abrindo o discurso para as mulheres e que tudo aquilo que elas estavam fazendo era muito importante.

Durante todo o documentário trechos do *The Riot Grrrl Manifesto* aparecem, em destaque, no vídeo. São eles:

“Porque eu acredito com todo o meu coração, minha mente e meu corpo que as garotas constituem uma alma de força revolucionária que pode, e irá, mudar o mundo realmente (...) Porque nós não queremos ser assimiladas ao padrão de outro alguém (garoto) quanto ao que é e o que não é ‘boa’ música ou *punk rock* ou ‘boa’ escrita DESSA MANEIRA precisamos criar fóruns aonde possamos recriar, destruir e definir nossas próprias visões (...) Porque nos estamos furiosas com a sociedade que nos diz Garota=Burra, Garota=Má, Garota=Fraca (...) Porque nós garotas almejamos registros e livros e *fanzines* que falam por

¹² Vertente do movimento *punk* a qual os adeptos são contrários ao consumo de drogas e álcool e, em sua maioria, são vegetarianos ou *vegans* (vertente do vegetarianismo cuja dieta exclui qualquer alimento de origem animal).

nós que nos sentimos incluídas e podemos compreender de nossas próprias maneiras (...) Porque nós sabemos que a vida é muito mais que uma sobrevivência física e estamos evidentemente cientes de que a idéia do *punk rock* de que ‘você pode fazer qualquer coisa’ é crucial para trazer a revolução das *grrrls* furiosas que procura salvar a vida física e cultural das garotas e mulheres em todos os lugares, de acordo com seus próprios termos, não os nossos (...) Porque fazendo/lendo/vendo/ouvindo coisas legais que nos validam e nos desafiam podem nos ajudar a aumentar a força e o senso de comunidade que nós precisamos a fim de descobrir como besteiras como racismo, capacidade corporal, discriminação por idade, especismo, discriminação por classe social, discriminação dos magros, sexismo, anti-semitismo e heterossexismo figuram em nossas vidas (...) Porque nós queremos e precisamos encorajar e ser encorajadas frente a todas as nossas próprias inseguranças, frente ao garoto roqueiro idiota que nos diz que nós não podemos tocar nossos instrumentos, frente as ‘autoridades’ que dizem que nossas bandas/zines/etc são os piores dos EUA e que atribuem qualquer validação/sucesso do nosso trabalho a qualquer propaganda barata(...) Porque vendo nosso trabalho conectado com a vida de nossas reais-amigas-políticas é essencial se nós queremos descobrir quem está causando impactos, refletindo , perpetuando ou rompendo o status quo”¹³.

Alguns dos trechos em destaque no documentário, acima transcritos, assim como os demais parágrafos que compõe o manifesto *riot grrrl* que pretende explicar o porquê do *riot grrrl* e o que é, em suma, ser *riot grrrl* serão abordados mais adiante para balizar a análise dos acontecimentos, práticas e mudanças no discurso das *riot grrrls*.

¹³“Because I believe with my hole heartmindbody that girls constitute a revolutionary soul force that can, and will, change the world for real (...) Because we don’t wanna assimilate to someone else’s (boy) standards of what is or isn’t ‘good’ music or *punk rock* or ‘good’ writing AND THUS need to create forums where we can recreate, destroy and define our own visions (...) Because we are *angry* at a society that tells us Girl=Dumb, Girl=Bad, Girl=Weak (...) Because us girls crave records and books and fanzines that speak to US that WE feel included in and can understand in our own ways (...) Because we know that life is much more than physical survival and are patently aware that the *punk rock* ‘you can do anything’ idea is crucial to the coming *angry grrrl rock* revolution which seeks to save the psychic and cultural lives of girls and women everywhere, according to their own terms, not ours (...) Because doing/reading/seeing/hearing cool things that validate and challenge us can help us gain the strength and sense of community that we need in order to figure out how bullshit like racism, able-bodieism, ageism, speciesism, classism, thinism, sexism, anti-semitism and heterosexism figures in our own lives (...) Because we want and need to encourage and be encouraged in the face of all our own insecurities, in the face of *beergutboyrock* that tells us we can’t play our instruments, in the face of ‘authorities’ who say our bands/zines/etc are the worst in the US and who attribute any validation/success of our work to girl bandwagon hype (...) Because viewing our work as being connected to our girlfriends-politics-real lives is essential if we are gonna figure out how we are doing impacts, reflects, perpetuates, or DISRUPTS the status quo”. HANNA, Kathleen. *The Riot Grrrl Manifesto*. In #2 *Bikini Kill*; 1991. Disponível em: http://www.dangerousminds.net/comments/kathleen_hanna_the_riot_grrrl_manifesto Acessado em: 17 de novembro de 2011. Traduzido por mim.

Ao longo do documentário, são exibidos trechos de vídeos de apresentações de bandas dos entrevistados. Fiz um levantamento das músicas escolhidas para a composição do documentário e de suas respectivas letras. São elas: *Love Thing* do Bratmobile, *Sister Blue* do Tattle Tale, *Direction* do Heavens to Betsy, *Suggestion* do Fugazi, *1º Scraps* do Bonfire Madigan, *Double dare ya*, *Rebel Girl* e *Thurston hearts* *The Who* do Bikini Kill. Além destas, acrescento a música *Don't need you*, também do Bikini Kill, com a qual penso que o título do documentário faça referência direta.

Dividi algumas dessas músicas de acordo com algumas temáticas semelhantes que são recorrentes a essas oito faixas (não encontrei a letra da música *1º Scrap*).

As músicas *Love thing*¹⁴ e *Suggestion*¹⁵ abordam como temática estupro. A primeira é direcionada diretamente ao estuprador e sugere tratar de pedofilia (“Admita: garotinhas inocentes são a sua predileção, não são?”) remetendo a casos de violência sexual doméstica. A segunda não é direcionada ao estuprador, mas ao modo como as pessoas lidam com casos de estupro e elabora uma crítica mais aprofundada com relação às construções de gêneros. Contudo, a crítica sobre como o estupro recai em uma mesma busca por culpados, além do estuprador e para além da mulher, reafirmando a lógica da culpabilidade recorrente em acontecimentos desse tipo. “Ele a toca porque

¹⁴ “Admit it- innocent little girls/turn you on don't they?/you like to make them cry/you like to tell them why/you like to grow them up/swallow hard and throw them up/I would die to hate you/see my heart in my hand/do you really understand/get my heart of yer hand/get yer hand of my heart/I would die to hate you/but its a love thing/you say you got this love thing/you think its just a love thing/fuck yer fuckin love thing/by the way, yer bright eyes are not so encouraging/you want my youth so bad/you love to see me sad/all the sunlight that you say/can never make it go away/I would die to not care anymore”.

¹⁵ “Why can't I walk down a street free of suggestion?/is my body the only trait in the eye's of men?/I've got some skin/you want to look in/there lays no reward in what you discover/you spent yourself watching me suffer/suffer you words, suffer your eyes, suffer your hands/suffer your interpretation of what it is to be a man/I've got some skin/you want to look in/she does nothing to deserve it/he looks at her cause he wants to observe it/we sit back like they taught us/we keep quiet like they taught us/he just wants he wants to prove it/she does nothing to remove it/we don't want anyone to mind us/so we play the roles that they assigned us/she does nothing to conceal it/he touches her 'cause he wants to feel it/we blame her for being there/but we are all here/we're all... guilty”.

ele quer sentir isso/ nós culpamos ela por estar lá/ mas nós todos aqui/ todos nós somos... culpados”.

As músicas *Don't need you*¹⁶ e *Direction*¹⁷ apresentam protestos, recusas consolidadas, contra as condutas esperadas de garotas.

A música *Double dare ya*¹⁸ é uma convocação. Além do próprio título, algo como “te desafio duplamente”, a música toda é carregada desse tom desafiador, que chama para uma luta “Hey amiga/ Eu tenho uma proposta que é algo como: te desafio a fazer o que você quiser fazer/ te desafio a ser quem você será/ te desafio a gritar alto”.

Ao passo que a convocação chama para pôr fogo, “não fale fora de hora/ não fale for a da sua vez/ tem que ouvir o que os Homens dizem/ hora de fazer o seu estomago queimar/ queimar, queimar, queimar, queimar, queimar, queimar”, nas estrofes finais a convocação é direcionada para a luta por e a reivindicação de direitos “você é uma grande garota agora/ você não tem razões para não lutar/ você tem que

¹⁶ “Don't need you to say we're cute/don't need you to say we're alright/don't need your atti-fukin-tude boy/don't need your kiss of goodnight/we don't need you/we don't need you/us girls don't need you/don't need you to tell us we're good/don't need you to say we suck/don't need your protection/don't need your dick to fuck/we don't need you/we don't need you/us whores don't need you/does it scare you/that we don't need you?/does it scare you boy/that we don't need you?/we don't need you/we don't need you/us punks don't need you”.

¹⁷ “Don't know what to say/I don't know what to hear/I don't want anything no more/I don't wanna feel from you/from you/yeah/direction/I'm outta here/direction/I don't care/I'm out/I'm out/I'm out!/of here/on the day I knew that I had to run/just pick up and go/don't ever look back/and don't turn around to you/to you/yeah/direction/I'm outta here/direction/I don't care/I've gone the same way so many times/for you at my expense/you wanna map it all out for me/well just get away from you/from you/yeah/direction/I'm outta here/direction/I don't care/I'm out/I'm out/I'm out!/of here/I can't hear your words/I can't see your face/because I'm already gone now/a million miles away from you/from you”.

¹⁸ “Hey girlfriend/I got a proposition goes something like this:/dare ya to do what you want/dare ya to be who you will/dare ya to cry right out loud/“you get so emotional baby”/double dare ya, double dare ya, double dare ya/girl fucking friend yeah/double dare ya/double dare ya/double dare ya/girl/don't you talk out of line/don't go speaking out of your turn/gotta listen to what the Man Says/time to make his stomach burn/burn, burn, burn, burn, burn/double dare ya, double dare ya, double dare ya/girl fuckin friend yeah/double dare ya/double dare ya/double dare ya/girl/you're a big girl now/you've got no reason not to fight/you've got to know what they are/for you can stand up for your rights/rights?/rights?/you do have rights”.

saber o que eles são/ para que você possa se levantar para os seus direitos/ direitos?/ direitos?/ você tem direitos”.

Quanto a *Sister Blue*, *Thurston hearts The Who* e *Rebel Girl* encontro certa dificuldade em analisá-las. *Thurston hearts The Who* é uma música pouco conhecida do Bikini Kill que faz uma crítica a banda Sonic Youth e a banda The Who, como o próprio título já entrega (Thurston Moore é nome do vocalista do Sonic Youth). Porém a letra não explicita nada e, até o atual momento da pesquisa, desconheço qualquer atrito ou desavença que tenha acontecido entre essas duas bandas e o Bikini Kill. *Rebel Girl* é uma das canções mais conhecidas do Bikini Kill. Talvez haja nela certo tom convocatório, mas não arrisco analisá-la assim. *Sister Blue*, contudo, é a música que me parece mais difícil de analisar. É a primeira vez, no decorrer dessa pesquisa, que encontro a banda Tattle Tale como referência *riot grrrl*. Há uma grande diferença musical, tanto sonora quanto na letra, entre essa música e as demais trazidas aqui, uma vez que não se trata de um *punk rock*, nem de uma música de protesto.

Bella Donnas – a meninas da cena punk

Elisa Gargiulo, vocalista da banda Dominatrix, diz que quando começou com a banda, no final de 1995, não havia uma cena. Elas começaram a se apresentar em 1996 e tocavam em shows de bandas de meninos (não cita nomes) ouvindo reclamações quando discursavam entre uma música e outra. O *riot grrrl* chegou ao Brasil na mesma época em que ela deu início ao Dominatrix, final de 95 início de 96, por meio de revistas de música como a Melody Maker. No começo, ela diz que o termo era usado de forma pejorativa dentro do *punk*, mas com o tempo o Dominatrix foi conseguindo reconhecimento nesse meio. Ela recusa ter sido pioneira do movimento *riot grrrl* no Brasil com o Dominatrix por achar a noção de pioneirismo machista. Algumas

entrevistadas como Vinhão, das bandas Wee e Hidra, Claudia Room, do Santa Claus, e Pryka, da banda Lâmina, comentam a influência do Dominatrix para que entrassem para a cena. Apesar desse reconhecimento, Tagoti, organizador do Coletivo Verdurada, comenta que muita gente “da cena”, tanto homens quanto mulheres, criticam as meninas do Dominatrix.

As meninas do Dominatrix – Mayra, Elisa e Flávia – falam sobre a conscientização do feminismo no *punk* e no *rock* através do *riot grrrl*, mas defendem que o feminismo no Brasil não pode ser restrito ao *riot grrrl*, ao *punk* e ao meio musical do *rock*. As três definem-se *riot grrrls* e feministas.

As entrevistadas falam sobre o preconceito por serem meninas tocando *punk rock*, enfrentado dentro de suas casas e na cena *punk* e comentam casos de violência de skinheads, associada ao fato de serem *punks* e *gays*.

Alguns homens da cena *punk/hardcore* de São Paulo são entrevistados, mas devido a edição do vídeo os depoimentos - não só os deles - são muito curtos e reduzidos a comentários como “acho legal o feminismo” ou “preconceito é feio e é crime”.

De outro lado, o vídeo traz trechos de uma entrevista com as integrantes da banda só de meninas Hugh Grants, nos quais as garotas criticam o *riot grrrl*, dizendo não haver mais necessidade desse movimento.

Assim como algumas notícias selecionadas no acervo da Folha de S. Paulo, o vídeo comenta alguns projetos das *riots* paulistanas:

O portal Quitéria¹⁹ (desativado) que consistia em um site para a divulgação de um feminismo de uma maneira mais pop, com linguagem mais acessível, segundo a organizadora do portal, Elisa Gargiulo. Como objetivo, tendo em vista o crescimento do *riot grrrl* nacional, ela afirma “O movimento se desenvolveu, mas a gente sentiu um certo desvirtuamento (...) seria legal instrumentar as meninas da cena”²⁰. Também organizada pela Elisa, tanto o vídeo quanto a imprensa, citam a gravadora Dykon Records (também fora de atividade). Com destaque na imprensa, o Lady Fest Brasil, versão nacional do festival *riot grrrl* que acontece em diversos lugares do planeta, é divulgado em duas reportagens do jornal Folha de S. Paulo; a reportagem “Garotas em fúria”²¹ publicado no caderno Folha Teen no dia 08 de março de 2004 e a reportagem “as rockers!”²² também publicada no caderno Folha Teen em 08 de outubro de 2007.

Na reportagem “Garotas em Fúria” há nota sobre o Lady Fest – “Festival chega ao Brasil” – que divulga a programação da primeira edição do Lady Fest no Brasil que aconteceu nos dias 13 e 14 de março de 2004.

Sob o tema *Conhecimento para a Resistência Feminista*, o festival contou com workshops, oficinas, shows, palestras, exposições de vídeos, exposição de fotos, desenhos e pinturas. “Tudo feito por meninas” reitera a edição da reportagem.

O festival aconteceu nas casas de show Outs e no Hangar 110, respectivamente localizados na Baixo Augusta e no Bom Retiro. Os ingressos custavam R\$7,00.

No primeiro dia do festival as integrantes da banda Dominatrix organizaram o workshop *Preservação e concerto de instrumentos* e a Vange Leonal palestrou sobre *As mentiras que contam para nós: mitos sobre a feminilidade*. Os shows da noite foram

¹⁹ www.quiteria.com.br

²⁰ In: *Bella Donnas* – as meninas da cena *punk*.

²¹ Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/03/08/25>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

²² Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2007/10/08/25>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

Sündae, Hidra, Lava e Cansei de Ser Sexy seguidos da discotecagem de DJs da festa Chá com Bolachas.

No segundo dia o festival voltou-se para a expressão feminina no hip hop, aconteceram apresentações das b-girls e das meninas do hip hop e da skatista Patrícia Tomate. O workshop do dia *Resistência feminina no Hip Hop* (a reportagem não divulga o nome das organizadoras). Os shows foram das bandas Keep On Riot, Dominatrix, Hats e Santa Claus (a única banda a ser destaque da reportagem).

É interessante atentar para uma possível proximidade do *riot grrrl* com o Hip Hop, a qual aparece pela primeira vez no decorrer da pesquisa. Num próximo momento pretendo fazer a análise das programações de todas as edições do Lady Fest Brasil, bem como de materiais decorrentes delas disponíveis na rede.

Destacando a importância da internet – “instrumento poderoso” - para a cena *riot grrrl*, a reportagem apresenta quadro com principais sites²³. Dos nove sites ali apresentados, apenas dois deles continuam existindo na rede, são eles o site da banda Le Tigre, atualizado este ano, e o site do projeto BBB, atualizado pela última vez em julho de 2005.

A segunda reportagem, “as rockers!”, bem mais breve do que a divulgação do primeiro festival, disponibiliza o nome de cinco das doze bandas que se apresentaram no evento – Las Dirces, Siete Armas, Dominatrix, Las Juliettes e Fantasma – comenta que a programação conta com mostras, oficinas – só para meninas – e debates sem divulgar detalhes.

²³ www.hardgirls.cjb.net
www.ladyfestbr.cjb.net
www.girlsunity.blogger.com.br
www.feminist.blogger.com.br
www.thegrrrls.hpg.ig.com.br
www.letigreworld.com
www.bratmobile.com
clorinerecords.hpg.com.br
projetoobb.blogspot.com

O festival foi realizado no Centro Cultural da Juventude e no Hangar 110, em 2007, e teve como temática “*Tire sua própria virgindade*, a fim de proporcionar às meninas a compreensão do funcionamento de seus próprios corpos para que elas possam usá-los por suas liberdades”, segundo a organizadora do evento Elisa Gargiulo.

No próximo movimento da pesquisa, me dedicarei a apresentar e analisar o material de cada uma das edições do Lady Fest Brasil.

2.1.3 MÍDIA E *RIOT GRRRL*

Seguindo uma ordem cronológica, apresentarei a relação do *riot grrrl* estadunidense com a mídia local, a partir do documentário *Don't need you* para depois passar a relação entre o *riot grrrl* nacional e a mídia brasileira.

Uma parte do documentário é destinada a relação entre o *riot grrrl* e a mídia estadunidense. Algumas manchetes da época são destacadas no vídeo “revolução, *Girl Style*: Conheça as *Riot Grrrls* – uma insolente nova raça de feministas para a geração MTV”; “*Punk Rock* e a nova era do feminismo: *Riot Grrrls* são adolescentes furiosas estilo de auto-conscientização próprio”; “*Grrrls* na Guerra”; “Novo grupo de jovens feministas está em movimento. Elas são *riot grrrls*. Isso é garota com um furioso ‘crrrescimento’”; “*Riot grrrls*: podem elas elevar a temperatura?”; “*Punk rock*, políticas explosivas, e nenhum garoto permitido.irá o *riot grrrl* redefinir o feminismo ou fritará em sua própria fúria?”²⁴

Em 1992, em show no DC Space, Kathleen discursou durante o show do Bikini Kill contra a distorção do *riot grrrl* pela imprensa. Ela havia dado uma entrevista (não

²⁴ “revolution, *Girl Style*: Meet the *Riot Grrls* – a sassy new breed of feminists for the MTV age”; “*Punk Rock* and a new age of feminism: *Riot Grrrls* are *angry* teens with self-aware style all their own”; “*Grrrls* at War”; “*Punk*’s girl group are putting the self back in self-esteem”; “A new young feminist troop is on the move. They’re *Riot Grrrls*. That’s girl whit an *angry* ‘grrrowl’”; “*Riot grrrls*: can they take the heat?”; “*Punk rock*, explosive politics, and no boys allowed. Will *Riot Grrrl* refocus feminism or fry in its own fury?”. Traduzido por mim.

citam a qual revista ou jornal) e suas falas foram inteiramente distorcidas. Allison afirma que as *riots* nunca tiveram uma relação com a mídia e que só começaram a se importar com o que era veiculado quando a atenção começou a crescer e as matérias passaram a ser mais pejorativas e incompatíveis com a realidade do movimento e das garotas. A maioria das entrevistadas afirma que elas se recusavam a dar entrevistas e figurar matérias e reclamam da preocupação da imprensa em caracterizá-las e em reduzir a movimento a algo trivial.

Além das manchetes, o vídeo dá destaque a dois trechos de reportagens:

“Cinco suposições sobre *riot grrrls*: 1-elas não sabem tocar; 2-elas odeiam homens; 3-elas são farsas; 4-elas são elitistas; 5-elas não são um movimento” e “Kathleen Hanna, cantora-líder do Bikini Kill. Hanna, de qualquer modo, não tem exatamente a isolância da classe média – ela rejeitou falar com a SPIN (revista de música) e, com isso, perdeu a oportunidade de ter sua voz de motivação ouvida por milhares”²⁵.

Allison considera que, apesar das distorções, a mídia foi importante para levar o *riot grrrl* para além de Olympia-Washington.

Para bem além de Olympia-Washington, o *riot grrrl* chegou ao Brasil via revistas de musica. Como, até o atual momento da pesquisa, não tive acesso a esse material em específico, trarei aqui notícias sobre *riot grrrl* veiculadas pelo jornal Folha de S. Paulo.

A primeira notícia²⁶ sobre *riot grrrl* encontrada no acervo data de 1993, dois anos após a eclosão do movimento nos Estados Unidos. A reportagem *Grrr... Garotas* de Nina Melkin, traduzida por Clara Altain e complementada por Silvia Carone,

²⁵ “Five assumptions about *riot grrrls*: 1-thay can’t play; 2-they hate men; 3-they’re fakers; 4-they’re elitist; 5-they aren’t a movement” e “Kathleen Hanna, lead singer of Bikini Kill. Hanna, however, doesn’t exactly have mass-media savvy – she declined to spaeak too SPIN (music magazine) and, with that, gave up the opportunity to reach thousands with her motivating voice”. Traduzido por mim.

²⁶ Reportagem publicada no caderno Folha Teen no dia 03 de maio de 1993. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1993/05/03/25>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

apresenta o *riot grrrl*. A apresentação situa o surgimento do movimento no ano de 1991 em Olympia – Washington D.C. como um movimento de conscientização feminista jovem fundido ao *punk rock*, calcado no “girl power” e que tem como principal grito “Revolução das Garotas Já!”.

Cita bandas como Bikini Kill e Bratmobile, alguns *fanzines* Wiglet, Quit Whiming, Fantastic *Fanzine* e Girl Germs e breves comentários de Lois Maffeo da banda Lois e Jean Smith da banda Mecca Normal.

A reportagem coloca como pontos importantes para o movimento a luta contra a violência sexual, o vegetarianismo, a oposição as drogas e aos padrões de beleza e a inversão de práticas e condutas sexistas. O último expresso na confusa citação: “‘Algumas *Riot Grrrl* são anti-homens’ diz Lois. ‘É difícil manter o equilíbrio. Expressar a raiva, especialmente com homens, e conservar o calor humano. São coisas essenciais”.

É inegável que a luta contra a violência sexual, bem como a preocupação com a possibilidade de inversão de práticas e condutas sexistas, estão presentes na constituição do movimento *riot grrrl*, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Com relação aos demais pontos levantados, e tendo em vista a atualidade do *riot grrrl* no Brasil, temos algumas dicas da procedência da proximidade entre este movimento e o *straight edge* e com relação a “revolta contra a beleza: não se depilam e cortam o cabelo umas das outras” podemos perceber diferenças entre o cenário descrito em 1993 e o atual, como pude notar nas análises de campo realizadas.

A preocupação com a constituição do visual *riot grrrl* aparece também na reportagem, “Feminismo de Coturno” de Erika Palomino²⁷, de maneira muito diferente a apresentada na reportagem acima citada que aponta no estilo *riot* uma oposição aos

²⁷ Reportagem publicada no suplemento Mais! no dia 19 de outubro de 1997. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1997/10/19/72>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

padrões de beleza. A jornalista cita grande influencia da banda Bikini Kill, da cantora Courtney Love e das pin ups enquanto símbolos da pornografia das décadas de 1940 e 1950 e vê nessa constituição estética do movimento uma mistura de vingança e “Puro sexo e pornografia”. Destaca adornos retomados pelas *riots* como lingerie, cintas-liga, biquínis. Nomeia essa moda de “girlie wear”, o que seria: “feminino, arrojado, sexy, agressivo”.

Questiona a contradição daquelas que criticam a objetificação da mulher se vestirem dessa maneira ou, abusando do uso de baby looks, remetendo a um visual infantil. Ainda pensando em um visual composto com base em elementos contraditórios ou desarmônicos, traz o coturno enquanto herança direta do *punk*.

Tendo em vista a estética *riot grrrl* observada nas pesquisas de campo penso que a afirmação da jornalista Erika Palomino não pode ser considerada pertinente a estética *riot grrrl* paulistana que, apesar de não se constituir de uma total oposição aos padrões de beleza como afirma a primeira reportagem, não é composta de adornos como lingerie, cintas-liga e a nada se assemelha ao visual pin up. Até mesmo a influencia da cantora Courtney Love pode ser refutada.

Com relação a Courtney Love, nome comumente associado ao *riot grrrl*, a reportagem “Mulheres injetam raiva no rock”²⁸, escrita por Patricia Decia, aborda o novo fenômeno das paradas musicais estadunidenses conhecido como “*angry white females*” que comporta as musicistas Courtney Love, Alanis Morissette, PJ Harvey, Tracy Bonham, Justine Frischmann, Liz Phair e Tori Amos.

Essa temática é comum a duas obras –já citadas- publicadas na mesma época *Angry Women in Rock* da Andrea Juno, que faz alguns comentários na reportagem, e *Rock She Wrote* da Evelyn McDonell.

²⁸ Reportagem publicada no caderno Ilustrada no dia 02 de julho de 1996. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1996/07/02/21>

Diferente das *riot grrrls*, as *angry white females* focam-se no *rock* e nas possibilidades de sua transformação no que concerne ao espaço e as modelações reservadas às mulheres neste meio. Apesar da problematização do *rock* enquanto um espaço machista estar presente no movimento *riot grrrl*, ele não se restringe a essa questão, agregando uma série de questões as quais extrapolam o cenário musical.

“Na verdade, essas mulheres (*angry white females*) se concederam a oportunidade de ser más e ter pensamentos considerados ‘sujos’, sem culpa ou perda da feminilidade” afirma Juno. A perda, ou não, da feminilidade e a sua construção enquanto tal, são questões caras as *riot grrrls* que refutam qualquer identificação com o que se estabelece como feminino ou feminilidade e acabam caindo em outras disputas identitárias, muitas vezes, relacionadas à homossexualidade. Talvez se encontre aqui uma das questões mais complicadas do *riot grrrl*; a questão da prática sexual regulamentada e restrita, sempre pensada em categorias – heterossexual, homossexual, bissexual... – e moralizada dentro de um conjunto de condutas aceitas a partir de uma perspectiva feminista-*riot grrrl*.

“Ela (Courtney Love) simplesmente reproduz a atitude do homem *rockstar* tipo Mick Jagger e Steve Tyler. Não há nada menos feminista” afirma Juno. A então vocalista da banda Hole e viúva do líder do Nirvana, Kurt Cobain, Courtney Love é uma figura importante para se pensar a relação entre as *riot grrrls* e as outras mulheres do *rock*, no caso, “*angry white females*”. Com frequência associada ao movimento *Riot Grrrl*, até mesmo como símbolo deste movimento, Love sempre negou qualquer ligação e expos suas desavenças com Kathleen Hanna e Tobie Vail, ambas do Bikini Kill. À Melody Maker declarou, em 1993, “Ultimamente, tenho me enchido com a manipulação

do *riot* pela mídia... e a manipulação delas sobre a ‘mídia’. É uma relação mutualmente doente – e fascista”.²⁹

Para além da Courtney Love, a comum “confusão” entre *riot grrrls* e mulheres do *rock* é outro território a ser pesquisado e pensado. As duas reportagens seguintes abordam essa questão.

Na seqüência a reportagem “*Riot Grrrls* adotaram feminismo” apresenta as diferenças e confluências entre *riots* e *angry females*. De acordo com Evelyn Mc Donnel, autora do livro *Rock She Wrote*, o *riot grrrl* é responsável pelo interesse crescente da mídia e da indústria fonográfica pelas *angry womens*. Com isso, a reportagem, situa as *riot grrrls* como aquelas que “querem, conscientemente, servir como modelo de roqueiras para novas gerações”, ignorando o peso de certas diferenças, as quais são transcritas na própria reportagem.

Dentre todas as diferenças, o texto explora a questão da grande indústria; de um lado o interesse da indústria da música nas *angry womens*, de outro as *riot grrrls*, muito assediadas, negando contratos com grandes gravadoras e criando o selo independente Kill Rock Stars que lançou discos de bandas importantes no cenário *riot* como Bikini Kill, Sleater – Kinney e Heavens to Betsy.

²⁹“Lately, I’ve been sickened by the media’s handling of *riot*... and their handling of the ‘media’. It’s mutually reciprocal sick relationship – and fascistic”.

Disponível em:

http://books.google.com.br/books?id=Ki3OBNZzzVwC&pg=PA269&lpg=PA269&dq=courtney+love+riot+grrrl+melody+maker&source=bl&ots=Hfp7_ZtAgC&sig=M7eO16XStNMRX7nvDmVyyY00ohI&hl=pt-BR&ei=sWOnTtnJD4jggQewk5Ac&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=10&ved=0CGkQ6AEwCQ#v=onepage&q=courtney%20love%20riot%20grrrl%20melody%20maker&f=false. Acessado em 03 de dezembro de 2011. Traduzido por mim.

Com relação a outras diferenças – e mais construções –, a reportagem traz um quadro com cinco tópicos, carregados de preconceitos e com incomodo tom conservador, intitulado “Perfil da ‘angry female’”, são eles: assumir o posto de *rockstar*, ter atitude ousada no palco, falar sobre sexo nas músicas, “Não se identificar com o movimento feminista nem ter um engajamento em alguma causa, seja pró-aborto ou contra abuso sexual” e ser atraente sem se esquecer do estilo e da maquiagem.

As *angry white females*, indo de acordo com o sugere Evelyn McDonnel, aparecem como uma forma vendável das *riot grrrls*, distanciando-se do discurso feminista, das músicas de protesto e do visual bem mais austero do que sensual das *riot grrrls*.

Ainda nesse sentido, mostrando uma nova movimentação no mercado, Bia Abramo na reportagem “Campo de batalha é a cultura pop”³⁰, lida com as mudanças no processo de consumo e produção de cultura popular pelas mulheres que passaram de consumidoras à produtoras, assinalando a importância do movimento *riot grrrl* nesse processo, “sobretudo, a (banda) Hole, de Courtney Love” quem a autora considera uma anti-Madonna e, portanto, símbolo da modificação do produto e consumo da imagem da mulher dentro da cultura pop.

Da música ela caminha para o cinema e para os seriados de televisão, nos quais a representação da mulher passa a se compor com grande peso da força física e da sexualidade femininas. Exemplifica citando filmes de ação e seriados de TV como *A Mulher Biônica* e *Xena – a princesa guerreira*.

Neste mesmo suplemento Mais! de 19 de outubro de 1997 há mais duas reportagens sobre o *riot grrrl*, temática principal dessa edição.

³⁰ Reportagem publicada no suplemento Mais! no dia 19 de outubro de 1997. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1997/10/19/72>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

A primeira reportagem “Rebelião das Malvadas” de Marilene Felinto, busca responder quem são e o que querem as *riot grrrls*, aqui chamadas de *bad grrrls*. Numa rápida e sucinta reposta, a autora diz que as *riots* são garotas de baixa-autoestima que se sentem “aprisionadas no sistema” e querem, portanto, um espaço e mudanças em si mesmas.

Cita muitos trechos de *fanzines*, mas sem oferecer suas fontes. Dentre estes trechos, indo de acordo com a idéia cerne de seu texto, destaco “Há muitas garotas que sabem exatamente como se sentem – sozinhas em seus quartos, isoladas nas escolas, párias em suas próprias cidades. E sentem raiva disso. (...) Mas graças às *Riot Grrrls*, elas estão descobrindo algo vital: que tudo bem sentir raiva (o ‘grrr’ em ‘*grrrls*’) e elas não precisam mais se sentir sozinhas nisso”.

A partir desse trecho, o *riot grrrl* se dilui em uma espécie de auto-ajuda para meninas adolescentes que se sentem deslocadas da sociedade. Esse discurso psicologizante apazigua a problematização política colocada pelas *riots* e vai desaguar numa conclusão precipitada “Mas é tudo suave – sinal dos outros tempos que virão, quem sabe”, afirma a jornalista após constatar que a nova geração feminista expressa pelo *riot grrrl* (a 4ª geração), reforça a “irmandade” entre as garotas deslocadas, com “desejo de parceria harmônica com o sexo oposto”.

Tomando Courtney Love como principal referência do “minimovimento”, a autora se distancia da discussão a cerca das *riot grrrls* e das mulheres do *rock*, generalizando-as. Nota um movimento suave e ressalta o bom relacionamento com os homens, perdendo de vista uma das questões mais complexas do *Riot Grrrl* que é a reprodução de condutas sexistas, invertendo as posições dos gêneros.

Ao contrário da construção midiática em cima do *punk*, as *riot grrrls* são suavizadas pela imprensa. Enquanto os *punks* paulistanos, conforme o movimento

crecia, eram freqüentemente entrevistados e figuravam capas de revistas e manchetes de jornais, atraindo grande interesse da imprensa, sendo a maior parte das reportagens produzidas confusa ou de tom apocalíptico - de jornalismo policialesco - relacionando o *punk* à delinqüência; até mesmo um dos aspectos mais incômodos quando se trata do *riot grrrl*; a reprodução de práticas sexistas, a imprensa tende a refutá-las abordando as *riots* como garotas excluídas, de baixa auto-estima, que encontram no *rock* um meio de “se encontrarem”, como foi mostrado a partir da reportagem “Rebelião das malvadas”.

Talvez por isso as *riots* tenham figurado as páginas de cadernos destinados ao público jovem, tratados aí como adolescentes. Além das reportagens da Folha de S. Paulo, tenho um material de entrevistas da vocalista do Dominatrix, Elisa Gargiulo, e outras meninas da cena *riot* em revistas de grande circulação como a voltada para o público feminino jovem *Capricho* e a revista *Veja*. Ainda pesquiso mais reportagens para poder analisá-las, de uma só vez, num próximo relatório.

As problematizações, tanto a cerca do movimento quanto colocadas por ele, não passam de aspectos brevemente comentados no sentido da definição de um perfil *riot grrrl* que oscila entre a menina excluída que se assume e se encontra entre as iguais e a jovem feminista que vêm, por meio da musica e do *riot grrrl*, lutar por direitos “Não queremos a superioridade, queremos lutar por nossos direitos” como afirma Patrícia Sueza baixista da banda Berro Expressa? à Folha de S. Paulo³¹ e, nesse meio, penso que haja também uma válvula para a jovem menina *gay* que encontra acolhimento nesse movimento (abordarei a relação entre o *riot grrrl* e a homossexualidade mais adiante).

Como uma forma de se apaziguar a inquietação de mulheres jovens a mídia apresenta o *riot grrrl* como espaço aonde as “garotas perturbadas” podem estar e ficar confortáveis, sem abalar o conforto externo, num processo de auto-ajuda (também

³¹ Matéria publicada no caderno Folha Teen no dia 08 de março de 2004. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/03/08/25>. Acessado em: 01 de agosto de 2011.

abordarei a auto-ajuda *riot* mais adiante). Concomitante a isso, mídia e mercado selecionam mulheres roqueiras que sejam mais interessantes economicamente e mais tranquilas politicamente do que as *riot grrrls*.

2.2 CUIDADO DE SI E CUIDADO DO OUTRO

Como cuidado de si compreende-se a noção retomada por Michel Foucault da Antiguidade Clássica a cerca do princípio de “cuidar-se de si mesmo” e “ocupar-se de si”; da hermenêutica de si – ou *Epimelëia Heautou*.

O cuidado de si aparece como “uma forma de vida” (FOUCAULT, 1997:123) e para o desenvolvimento dessa cultura de si, Foucault sinaliza um conjunto de práticas – *Askesis* – que pretendem vincular uma verdade, a partir de um discurso, ao sujeito “Trata-se, ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que não conhecia e que não residia nele, trata-se de fazer dessa verdade aprendia, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberano em nós mesmos” (FOUCAULT, 1997:130).

Essa mesma Antiguidade atenta com cuidado de si e com as estéticas de existência, preocupava-se com a “constituição de si e das relações com o outro orientadas pela temperança, pela autonomia e pela expansão das práticas de liberdade” (RAGO;VEIGA-NETO, 2009:9).

Oposto a este cuidado de si, nota-se a conduta política do cuidado do outro.

Às mulheres, como situou Margareth Rago em *Reinvenções de si e criações culturais nos feminismos contemporâneos*, sempre foi ensinado e incentivado o cuidado do outro. No simpósio *Paisagens com Mulheres de Autoridade* uma das participantes da mesa, Marijane Lisboa, trouxe para o debate a questão do cuidado apresentada como uma moral natural feminina, defendida por ela como uma conduta de suma importância

para a sociedade. As outras participantes do evento, sem muita ênfase, alertaram para a problematização histórica do cuidado, remetendo a uma relação de subordinação, no caso, de mulheres a homens. O cuidado como essência da mulher foi contundentemente atacado pelos feminismos.

Contudo, ao longo da pesquisa, percebi que o cuidado do outro se encontra redimensionado no discurso *riot grrrl* e pode ser percebido nos enunciados pela união das mulheres e nas reivindicações por direitos que serão abordadas mais adiante quando for tratar das resignificações e seus redimensionamentos.

De outro lado, o cuidado de si também aparece no discurso *riot*, porém atrelado – e despotencializado – em enunciados próximos a auto-ajuda.

2.2.1 A UNIÃO DAS MULHERES

No documentário *Don't need you*, Kathleen Hanna afirma que a sua maior motivação para se inserir nas agitações das garotas de Olympia e começar a fomentar uma movimentação local paralela, foi a necessidade que ela sentia de união das mulheres.

Essa necessidade de união é muito recorrente³² em *fanzines*, músicas e, até mesmo, no discurso da mídia sobre as *riot grrrls*. Se formos aos discursos feministas antecessores ao *riot grrrl* acharemos algumas pontuações a cerca da necessidade deste cuidado do outro semelhante à união comunitária que propõem. bell hook, nomeada

³² “Eu ainda tenho em sentimento muito grande dentro de mim que faz acreditar na união das meninas no fortalecimento nosso dentro e fora dessa ‘cena’ (*riot grrrl*)”. Trecho do *fanzine Manifesto rubro*. “Why are you girl sittin' there so *angry*?/Some stupid boy called me a fuckin' fascist/He's just a middle class jerk/Are they so good to give us a fuckin' note?/Some of you boys say such stupid things/You should learn how to hide your fears/You come to the show just to swear us/Can't you see that your money comes to me?/Take part in this *riot* only for girls/I never thought the girls would be so united/Take part in this *riot* only for girls/I never thought the girls would be so strong/I never saw such a fancy girl like you/Why don't you realize you need your own opinion?/You hang out with these boys they alienate you/Now you just learn to be a stupid geek/These fuckin' boys say that we are fascists/Because they never saw the power of girl unity/They don't have better things to do./If we didn't exist who would be their underdog?” *My New Gun Dominatrix*.

uma das grandes influências sob o feminismo *riot grrrl* pela Kathleen Hanna, na entrevista analisada, coloca o que há em comum, no sentido do que torna igual, como elemento de preocupação (“care about”) com o outro; como elemento de compaixão. Ela exemplifica: se os americanos vissem os jovens negros como americanos, seriam solidários com eles.

No Manifesto *Riot Grrrl* a temática da união também é recorrente.

“Porque fazendo/lendo/vendo/ouvindo coisas legais que nos validam e nos desafiam podem nos ajudar a aumentar a força e o senso de comunidade que nós precisamos a fim de descobrir como besteiras como racismo, capacidade corporal, discriminação por idade, especismo, discriminação por classe social, discriminação dos magros, sexismo, anti-semitismo e heterossexismo figuram em nossas vidas (...)”³³.

Apesar de, mais adiante, Kathleen afirmar que “a idéia do *punk rock* de que ‘você pode fazer qualquer coisa’ é crucial para trazer a revolução das *grrrls* furiosas que procura salvar a vida física e cultural das garotas e mulheres em todos os lugares, de acordo com seus próprios termos, não os nossos (...)” ressaltando não haver imposições e direcionamentos, essa união acaba homogeneizando as diferenças e levando a consolidação de um bloco aonde essas diferenças são sufocadas pelos traços que igualam essas mulheres, enquanto uma determinada categoria, muitas vezes, representada e direcionada por alguém ou “alguéns”.

O próprio vínculo dessa união com a construção de uma comunidade já assinala para a construção de uma coletividade homogênea aonde o cuidado do outro é inevitável e se manifesta na conduta de polícia de uns sobre os outros.

“A comunidade é o governo de todos sobre todos. Nela prepondera a obediência e se expressa, racionalmente, a vontade conservadora de uniformidade e nivelamento. Opera segundo uma gestão de poder individualizante e totalizadora, fazendo com que cada indivíduo participe ativamente do governo da

³³ Op. city

comunidade na mesma proporção em que se torna polícia de si próprio e do alheio. A vida em comunidade é o princípio mais elementar de servidão, organizador histórico da política de grupos identitários. Seu amálgama é regido por valores morais de origem que determinam suas formas exemplares de conduta”³⁴.

2.2.2. AUTO-AJUDA

“nós queremos e precisamos encorajar e ser encorajadas frente a todas as nossas próprias inseguranças”³⁵. O encorajar-se e encorajar as outras, bem como o “empoderamento” das garotas dentro da cena *riot*, penso estarem vinculados a um discurso próximo a auto-ajuda. Penso esta auto-ajuda, diferente da inquietação do cuidado de si como “forma de vida” (FOUCAULT, op. city) daquele que não se sossega em si, como um olhar voltado a si de maneira conformada e confortável em uma idéia de imutabilidade.

Colhendo comentários das entrevistadas nos documentários *Don't need you* sobre o efeito do *riot grrrl* em suas vidas, temos repostas apontando para um sentido motivacional, de auto-confiança e “auto-empoderamento”.

Dasha credita ao feminismo *riot* o incentivo que a levou a reagir a tudo aquilo que ela fora - e seria - forçada a passar. Natalie diz que o movimento a fez acreditar em si mesma. Antes do *riot grrrl*, ela não se sentia encorajada por ninguém; queria cantar e tocar e as pessoas ao seu entorno só riam dela e a faziam desacreditar de sua potencialidade. Allison, mais genericamente, vislumbra no *riot grrrl* algo bom e afirmativo, em função do modo positivo que ele afetou a vida de várias garotas. Sharon diz ter tido no *riot grrrl* o suporte e encorajamento dos quais precisava e que isso é muito importante e mudou a sua vida. Corin, também num sentido mais genérico, vê no

³⁴ <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=30>

³⁵ Op. City

riot não a mudança do mundo, mas o incentivo a fazer pequenas mudanças e deixar a vida de alguém melhor. Madigan destaca a importância do movimento no fato dele levar as garotas a perceberem que elas têm uma voz, que são alguém nesse mundo. Já Kathleen vê a cena *riot grrrl* como o movimento que propicia um lugar aonde as garotas podem se sentir incluídas, sair, se divertir, fazer coisas incríveis, errar e aprender umas com as outras.

As músicas e os *fanzines*³⁶, bem como a imprensa (já assinalado e problematizado no início deste relatório) também vinculam o *riot grrrl* a um tom motivacional de auto-ajuda.

Muitas *riots* atribuem ao discurso feminista *riot grrrl* uma “porta para a salvação”. Penso, de um lado, que essa salvação pode ser relacionada diretamente às morais das religiões monoteístas ocidentais; de outro, a leitura das garotas a cerca da mudança operada nelas, no que seria uma constante transformação de si, deságua em uma fixidez, como se o que o movimento tivesse agregado e modificado em suas vidas fosse algo dotado de uma verdade incontestável sobre a vida e o modo de vida ideal; redimensionando de modo seguro o cuidado de si.

Contudo, diferencio essa auto-ajuda abordada nesse tópico à leitura psicologizante feita pela imprensa sobre as *riot grrrls*, uma vez que essa última dilui todo o movimento em um espaço de auto-ajuda.

2.3 SEXO

³⁶ “you're a big girl now/you've got no reason not to fight/you've got to know what they are/for you can stand up for your rights/rights?/rights?/you do have rights” Trecho da música *Double dare* ya Bikini Kill. “a única pessoa que pode te salvar é você próprio, não se pode apoiar tanto alguém, os outros vão te ajudar, mas só você tem este poder de querer mudar, lembrando que querer é poder (...) depois que descobri o feminismo em minha vida as coisas mudaram e muito” Trecho do fanzine *Um Outro Olhar – Garotas Pensantes #1*.

Uma outra relação com o corpo e as práticas do sexo é uma preposição comum aos pensamentos feministas que, cada um a sua maneira, colocam em cheque a relação e a valorização do corpo, do sexo, dos prazeres e desejos das mulheres enunciados pelas culturas patriarcais.

A sexualidade feminina sempre foi pensada a partir do pensamento falocentrico, tratada como menos e menor. Menor no sentido da menoridade enunciada por Kant e retomada por Foucault em *O que são as luzes?* “por ‘menoridade’ ele (Kant) entende um certo estado de nossa vontade que nos faz aceitar a autoridade de algum outro para nos conduzir” (FOUCAULT, 2000:337).

Percebi com as mulheres entrevistadas no livro *Angry Women*, resignificações do sexo, do corpo e dos prazeres femininos, muitas vezes, a partir da arte. Porém, percebi nesta mesma obra uma tendência da autora – Andrea Juno – e, certas vezes, das entrevistadas em estabelecer uma nova moral e normalizações sobre as práticas do sexo.

Juno, em quase todas as entrevistas, questiona a sexualidade das entrevistadas e demonstra relutância em lidar com aquelas que mantenham relações com homens. As entrevistas com Diamanda Galás e Annie Sprinkle são as que mais clareiam esse estabelecimento de uma nova moral, normalizadora, sobre o sexo.

Sobre sexo, Galás pensa ser um espaço de reprodução da luta de forças do restante dos espaços da sociedade. Defende práticas violentas que invertam os papéis comumente direcionados aos homens e as mulheres.

“Eu penso que as mulheres deveriam ter um ‘ideal’: a única pessoa que te trata como iguais é outra mulher. E quando você quer subordinados, você pode foder a bunda de um homem!(SIC) Isso basicamente é a probabilidade do futuro. (...) Tive muitos homens militares na minha vida (...) Eu gosto de homens violentos; Eu gosto da idéia de que posso aterroriza-los e de que eles podem agüentar. (...) Eu não durmo com algum

cara todas as noites, Eu não o quero contaminando a minha cama” (Galás apud JUNO, 1991:15-16)³⁷

A defesa das relações entre mulheres como um tipo ideal contrário ao machismo e a violência contra a mulher, presente no discurso de Galás, é muito semelhante a um certo discurso *riot grrrl*; ambos chegam ao extremo de invalidar relações entre homens e mulheres. Invalidam, constroem uma outra moral na qual os valores máximos impossibilitam pensar numa relação entre homem e mulher que não esteja vinculada a práticas sexistas e quando a pensam, a pensam enquanto exceção. Apesar disso, mais adiante, Galás critica o preconceito com bissexuais e heterossexuais.

O uso da palavra *contaminating* (contaminando) vinculada aos homens expressa uma vontade de pureza muito semelhante aos discursos nazi-fascistas que lembra a obra de Valerie Solanas *SCUM Manifesto*, a qual pretendo analisar num próximo movimento da pesquisa, pensando também possíveis procedências do discurso *Riot Grrrl*.

Ainda nessa linha

“Eu tenho uma alergia a ‘homens gênios’. Se eu ouvir um homem falar sobre seu trabalho por mais de 2 minutos, ficarei extremamente entediada... eu posso entender por que as concepções das lésbicas separatistas desenvolveram-se (...) o homem com quem eu saí, o homem com quem eu trepo, não é genial – ele não nem particularmente brilhante” (Galás apud JUNO, 1991:17)³⁸

³⁷ “I think women should have an ‘ideal’: the only people you treat as equals are other women. And when you want subordinates, you can fuck man in the ass! That basically is probably the future. (...) There’ve been a lot of military men in my life (...) I like violent men; I like the idea that I can terrorize them and they can take it. (...) I don’t want to sleep with some fucking guy every night, I don’t want him contaminating my bed” (Galás apud JUNO, 1991:15-16). Traduzido por mim.

³⁸ “I have an allergy to ‘male genius’. If I listen to a man talk about his work for more than 2 minutes, I get supremely bored... I can understand why lesbian separatist concepts evolved (...) the men that I hang out with, the men that I fuck, are not geniuses – they’re not even particularly bright”. (Galás apud JUNO, 1991:17). Traduzido por mim.

Galás inverte e reproduz a prática sexista, muito combatida pelas feministas, de objetificação das mulheres; trata os homens com quem se relaciona como homens estúpidos, quase como os homens tratam as mulheres “gostosas”. Ela não admira os homens com quem se relaciona. No campo das exceções, ela situa William Burroughs a quem respeita o gênio e considera um grande homem e amigo.

Annie Sprinkle, por sua vez, fala muito sobre sexo em sua entrevista, por ter trabalhado como prostituta e atriz pornô. Destaco um trecho da entrevista a partir da complementação de Juno ao fato de Annie ter deixado de se relacionar com homens para se relacionar somente com mulheres. “Eu penso que como as mulheres têm mais controle sobre elas mesmas e sentem-se melhor, elas encontram muita dificuldade em ter básicas considerações pelos homens” (JUNO,1999:35)³⁹. O estar com outra mulher aparece quase como uma prerrogativa do auto-conhecimento e esclarecimento que ela afirma necessários para a desmistificação do corpo e da sexualidade da mulher. É como se ela instaurasse uma nova verdade natural com relação ao corpo e a sexualidade feminina.

Annie discorda de Juno, pois acredita que isso seja o efeito, não de um novo conhecimento ou de uma desmistificação, mas do desenvolvimento de um amor próprio; uma mulher que se ama procurará amar outra mulher, uma semelhante. Para ela estar com homens é estar e gostar da diferença, pensando igualdade enquanto aniquilação de diferenças. Apesar disso, Annie, mais adiante, critica o fato de todos parecerem estar tentando fazer dos outros o mesmo.

“Os *gays* pensam que todo mundo é meio *gay*, você sabe (ou que todo mundo têm aquele lado); os bissexuais pensam que todo mundo é realmente bissexual; pessoas com hábitos sexuais

³⁹ “I think that as women get more in control of themselves and understand themselves better, they find it very difficult to get just basic human considerations from men”. Traduzido por mim.

estranhos acham que eles são os liberais e que todo mundo quer ser como eles, e os monogâmicos pensam que ‘pessoas não podem ser felizes se não forem monogâmicas – você tem que ser monogâmico’. Então todo mundo está tentando fazer do outro o mesmo. Considerando que meu sentimento é ‘É tão melhor apenas aceitar nossas diferenças... para curtir-las’ (Sprinkle apud JUNO,1999:37)⁴⁰.

Mesmo notando essa prática comum – tentar fazer do outro o mesmo – Annie não vai adiante com a problematização e acaba reduzindo o problema a uma relativização simplória, aonde todos têm a mesma conduta e contemporiza com a diferença pluralista neoliberal segundo a qual as diferenças devem ser aceitas, abrindo espaço para os extremos, inclusive, a emergência de práticas e condutas fascistas.

Até o atual momento da pesquisa não tenho muito material para analisar a relação das *riot grrrls* com sexo de maneira mais pontual, mas arrisco fazer algumas pontuações aqui a partir do atrelamento entre o movimento *riot grrrl* a setores do chamado movimento *gay*.

No dia 28 de outubro aconteceu em São Paulo a edição especial “*Riot Grrrl – Hallohímen*” da festa *gay* Valentina⁴¹ na casa noturna Open Bar, no bairro de Pinheiros, com discotecagem da vocalista do Dominatrix, Elisa Gargiulo. O evento atraiu muitas garotas que costumam freqüentar a cena *riot grrrl* paulistana. Neste último semestre essa foi a única atividade *riot grrrl* que aconteceu na cidade.

⁴⁰ “The gays think everyone’s kind of *gay*, you know (or that everyone has that side); the bisexuals think that everyone’s really bisexual; kinky people think that they’re the liberated ones and that everybody else really wants to be kinky, and monogamous ones think, ‘people can’t be happy if they’re not monogamous – you have to be monogamy’. So everyone’s trying to make each other just like them. Whereas my feeling is, ‘It’s much nicer just accept our differences... to enjoy our differences’”. Traduzido por mim.

⁴¹ Transcrevo a descrição do evento no site de relacionamentos Facebook (maior meio de divulgação da festa): “Estava com saudade de nossas festinhas temáticas? Pois bem, depois de muitos pedidos faremos mais uma festinha cheia de babado e confusão e desta vez com um tema todo Valentina de ser, o Hallohímen!!Então meu amô se vc nunca ralou esse seu hímen no pole dance ou nas gaiolas das loucas, essa é a sua chance!!! Nesta edição, além de ter como tema o Dia das bruxas, também será especial *Riot Grrrl* e por isso, chamamos para discotecar a queridinha das garotas Dyke *rockers*, Elisa Gargiulo da banda Dominatrix. Teremos também, depois de muito sacrifício, a volta da nossa animada dj funkeira Natchê que vem do Canada especialmente tocar uma pra vcs!! Fora isso, teremos as Djs residentes da festa que sempre trazem novidades nos sets com muito Pop, *Rock*, *Electro* e *Indie*. Sua linda está esperando o que para começar a preparar a fantasia?? Vale tudo, bruxa, vampiro, morto-vivo, fantasma e o que mais sua criatividade permitir!! Lembrando que não é obrigatória a fantasia!!!”

O espaço do movimento *riot grrrl* paulistano parece estar circunscrevendo-se cada vez mais ao espaço angariado pelas jovens *gays* de classes médias de São Paulo. Levanto a hipótese de que o atrelamento a esse espaço indentitário acaba impulsionando a reprodução de práticas sexistas, que assombra o movimento *riot grrrl* desde o seu início como podemos notar num dos parágrafos do Manifesto *Riot Grrrl* “Porque nós estamos dispostas a não titubear sob as reivindicações de que nós somos reacionárias e ‘sexistas reversas’ e que não temos a verdadeira alma do *punk rock* que nós sabemos que temos”⁴², no sentido de atrelá-la a produção de uma homonormatividade “ou seja, a produção de uma norma homossexual capaz de alienar outras formas de sexualidade” (LOURO,2009:141).

Fica em suspenso o que fora feito do espaço aberto com a emergência do *riot grrrl* e a sua recusa ao assujeitamento a uma sexualidade pautada pelo falocentrismo. Até agora, há esse apontamento para a produção de uma homonormatividade, contudo, resta averiguar quais os outros movimentos decorrentes do *riot grrrl* e de outras movimentações a ele atreladas, com relação a práticas do sexo e se, tendo em vista a possibilidade de resistências, há algum desdobramento no sentido percebido por Edson Passetti que traria a potência de levar

“a dissolução de homo, bi e heterossexualismo e mesmo o homoerotismo, pelas práticas livres de sexo, arruinando fronteiras; inventam uma parrhesia contemporânea, dita sem palavras, silenciosa e prazerosas. Ultrapassam as performances indicadas por Judith Butler (BUTLER,2008) e encurralam os desempenhos alardeados de machos, *gays* e mulheres liberadas aninhados em equipamentos de sexo e medicamentos auspiciosos em relações monogêmicas e abertas” (PASSETTI,2009:132).

2.4 RESIGNIFICAÇÕES E DEMOLIÇÕES

⁴² “Because we are un willing to falter under claims that we are reactionary “reverse sexists” and not the true *punk rock* soul crusaders that WE KNOW we really are”. Traduzido por mim.

Provavelmente esse é o tópico que dará mais ramificações em subtópicos. Para este relatório, tendo em vista a primeira parte da pesquisa, abordarei a resignificação e produção de uma nova linguagem feminista a partir do *riot grrrl*, com foco no uso da palavra *slut* e, por essa via, entrarei nas reivindicações de direitos.

Tendo em vista a possibilidade das resignificações – da linguagem, do sexo, do prazer - acabarem caindo na afirmação de discursos que enunciam e reforçam necessidades de direitos, volto minha atenção para o rumo das resignificações *riots*.

2.4.1 A NOVA LINGUAGEM *SLUT*

O movimento *riot grrrl* produziu uma nova linguagem, inserida nas linguagens feministas, a qual lida com a demolição e resignificação de termos e conceitos. O movimento resignifica e reivindica para si o uso de palavras que na linguagem masculina são dotadas de sentidos pejorativos, como o uso comum de palavras como “*slut*” e “*whore*” (ambas sinônimos de prostituta ou vagabunda) e, até mesmo, indo de encontro com a questão do sexo, “*dyke*” (sapatão). As *riot grrrls*, no início do movimento, se apresentavam em shows sem camisa e com palavras como essas escritas em seus corpos. Na música *Rebel Girl* há referência a uma garota exaltada pela letrista e a quem costumam chamar “*slut*” e “*dyke*”.

O uso da palavra “*slut*” foi oxigenado e bastante veiculado nesse ano com a *Slut Walk*. A marcha começou como uma manifestação, no Canadá, após um policial, em palestra numa Universidade de Toronto na qual uma estudante havia sido estuprada, afirmar que, para própria segurança elas não deveriam se vestir como vadias (*slut* em inglês).

Centenas de mulheres foram às ruas com cartazes e vestidas, em sua maioria, ‘como vadias’. Passados alguns dias, manifestações do tipo ocorreram em outros

distritos canadenses e nos Estados Unidos e hoje se compulta *slut walks* em escala global.

Estou produzindo uma tabela, a partir do levantamento de todas as *slut walks* que vem acontecendo e pretendo voltar a esse ponto no final da pesquisa, porém, já é possível analisar a mudança – resignificação da resignificação – no uso da palavra *slut*. Anteriormente, a palavra que fora usada como uma ofensa na linguagem masculina, passou a ser usada pelas *riot grrrls* como uma maneira de romper com a conduta de boas garotas, mas sem perder o tom agressivo carregado nessa palavra. Atualmente, no Canadá, a palavra *slut* foi usada como forma de protesto a declaração do polícia, mas também sem perder sua agressividade. Com a globalização da marcha local, o termo *slut* foi levado a vários países (alguns, a maioria de língua espanhola, não utilizaram o nome *slut walk*, traduzindo-o).

O grupo Marcha Mundial das Mulheres e as blogueiras feministas organizaram a *slut walk* brasileira impulsionadas pela declaração do humorista Rafinha Bastos em uma de suas apresentações “Toda mulher que vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus”⁴³. Por essa razão, a marcha se encerrou em frente ao Comedians, propriedade do humorista em comunhão com o também humorista Danilo Gentili. A porta do estabelecimento ficou coberta com os cartazes que os manifestantes carregavam.

Além da descontextualização gerada por *Slut Walks* acontecendo simultaneamente em vários lugares do mundo⁴⁴, a marcha paulistana, trazendo diversos

⁴³ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/926924-rafinha-bastos-encoraja-estupro-diz-conselho-da-condicao-feminina.shtml>. Acessado em: 11 de junho de 2011.

⁴⁴ “A manifestação foi a versão brasileira do “Slut Walk”, movimento mundial de protesto contra a violência às mulheres, que já foi realizado em várias cidades dos EUA, Canadá e Austrália. Hoje a marcha seria realizada também em Copenhague (Dinamarca), Amsterdã (Holanda) e Estocolmo (Suécia)”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925522-marcha-das-vadias-leva-300-pessoas-para-a-av-paulista.shtml> Acessado em: 11 de junho de 2011.

cartazes com palavras de ordem e dizeres idênticos aos canadenses⁴⁵, logo desembocou na comum reivindicação de direitos. Cartazes pelo direito de se vestir como quiser e ter segurança para fazê-lo, de um lado, de outro, cartazes pela legalização do aborto⁴⁶ e pela “não à impunidade”.

Segundo nota na Folha Online o evento teve cerca de 300 pessoas, mas a impressão que tive foi de um número bem abaixo. Vale destacar a presença massiva da imprensa e da polícia.

2.5 RESUMO DA PESQUISA

2.5.1. *ANGRY WOMEN*

O livro *Angry Women* é composto por uma série de entrevistas realizadas pela autora Andrea Juno, como já foi colocado anteriormente.

Logo ao entrar em contato com a obra, me surpreendi com o rumo de sua abordagem. Juno introduz sua pesquisa com a seguinte afirmação: “*Angry women* não é apenas sobre mulheres, mas é sobre o futuro da sobrevivência de nosso planeta” (JUNO,1991:4)⁴⁷. Ao lado de todas as questões concernentes às mulheres e ao feminismo Juno inclui as questões do cuidado com o planeta e de um olhar, e conseqüente uso, positivo das tecnologias, pensadas não como anti-naturais, mas como produtos da criação e inventividade humana, a partir de processos dos quais as mulheres não devem estar excluídas.

Juno situa a pergunta que a levou a realização desse trabalho “Quais artistas estão mais de acordo com o esses tempos – sondando profundamente questões que

⁴⁵ “I’m not freak, I was born with my freedom”.

⁴⁶ “Se o papa engravidasse o aborto seria legalizado”.

⁴⁷ “*Angry women* is not just about women, but about the future survival of our planet”. Traduzido por mim.

concernem a nós agora?”(JUNO,1991:4)⁴⁸. Então, ela vai atrás das mulheres artistas que pensa serem mais sensíveis às críticas políticas e sociais.

O tom é catastrófico, alertando para uma crise generalizada – ecológica, política, econômica e moral – fruto do patriarcado e da hierarquização da sociedade. Para ela, a humanidade se aproximava de um suicídio que aniquilaria os seres humanos e o mundo, tudo o que há de vivo. “Nós estamos em um estado de emergência sem precedentes”(JUNO,1991:4)⁴⁹.

Juno fala da idéia de natureza, implicando nas concepções de natural como uma espécie da “camisa de força” para as mulheres, que ficam restritas à maternidade e à reprodução, dando os créditos dessa percepção ao movimento *gay* e enunciando o alargamento da noção de identidade “Identidade – o conceito do Eu – se tornou mais flexível e aberto a multiplicidade conforme as pessoas escaparam da tirania da desenvolvimento, do impulso dos instintos.”(JUNO,1991:4)⁵⁰. A noção de identidade é apresentada aqui como um acontecimento positivo que amplia as liberdades. Juno, bem como muitos setores daquilo que se conhece como “o movimento *gay*”, não percebe essa fragmentação em centenas de identidades produzidas como um fator agravante da diminuição dos espaços e práticas de liberdade e resistência, sendo útil e interessante ao Estado e a economia de mercado.

“Esta é a maneira pela qual a sociedade de controle organiza seus dispositivos de poder, especificando e localizando cada uma das possíveis resistências e as colocando enquanto demanda participativa, representada por um agente democrático capturado dentro da própria organização, exercendo função de polícia e educador”. (NARDELLI,2010:26)

⁴⁸ “Which artists are most in tune with the times – delving deeply into issues which concern us *now*?”. Traduzido por mim.

⁴⁹ “We’re in an unprecedented state of emergency”. Traduzido por mim.

⁵⁰ “Identity – the concept of the Self – has become more flexible and open to multiplicity as people escape the tyranny of uninvolved, ‘instinctual’ drives.” Traduzido por mim.

Juno retoma a mitologia, a imagem da Medusa (ilustração da capa do livro) para discorrer sobre a raiva⁵¹ das minorias e sua potencialidade de “poder, criatividade, força e clareza”. Ela fala do papel impreterível da raiva nas lutas por direitos civis dos movimentos sociais.

Com essa passagem, me remeti a música *Rebeldia Premeditada*⁵² da banda de *punk rock* feminista – como é definida pelas própria integrantes – Bulimia que, apesar de não se colocar como uma banda *Riot Grrrl* é muito associada ao movimento. Destaco o seguinte trecho:

“Você é uma cobaia tomando decisões/ Que jura ser de sua consciência/Fugindo ao invés de encarar/ Buscando a maneira mais cômoda de viver/ Andando em círculos/ Se deparando à toda hora com os seus rastros egoístas de destruição/ Destruição causada pelo mau uso de sua raiva/ É essa a sua resposta à opressão?/ Use a sua raiva para construir (Sua rebeldia é premeditada)”

Ainda sobre as mulheres zangadas, Juno fala da diferença de percepção e aceitação da figura do “*angry young man*” e da figura da “*angry young women*”, enquanto o primeiro é associado a um modelo a ser seguido, vinculado a uma idéia de sensualidade, um modelo sexy; o segundo é associado a um modelo que não deve ser seguido, não-sexy, austero; a imagem da mulher feminista, da bruxa, da mulher-macho.

O modelo (a autora usa a expressão “*model*”, não parece pensar com a noção de

⁵¹ No texto original, a autora utiliza a palavra *angry* que traduzida ao pé da letra seria sinônimo de zangado, furioso, indignado; portanto, nesse contexto, “a necessidade da fúria”. Não tenho muita clareza com relação a esta tradução, mas penso que a palavra raiva caiba melhor.

⁵² “Você é uma cobaia tomando decisões/ Que jura ser de sua consciência/Fugindo ao invés de encarar/ Buscando a maneira mais cômoda de viver/ Andando em círculos/ Se deparando à toda hora com os seus rastros egoístas de destruição/ Destruição causada pelo mau uso de sua raiva/ É essa a sua resposta à opressão?/ Use a sua raiva para construir (Sua rebeldia é premeditada)/ Você passou o dia todo sendo pisado/ Mas ao chegar em casa a opressão não acabou/ As distrações existem para te confortar/ Para te anestesiarem te impedir de se importar/ É de seu interesse, é de meu interesse/ Ninguém quer mudar/ Ninguém vai lucrar/ Enquanto você não fizer alguma coisa/ A opressão não irá acabar/ Use a sua raiva para construir (Sua rebeldia é premeditada)” *Rebeldia Premeditada* da banda Bulimia.

modelagens, próprias à sociedade de controle, cunhada por Deleuze) ideal, ao qual as mulheres são condicionadas, é o oposto; não da fúria, mas da obediência, da educação e da submissão.

Relaciono a passagem a uma música da banda Bikini Kill, *Suck My Left One*⁵³

“Mamãe diz:/Você deve ser uma garota educada/Você deve ser educada/ Mostre um pouco de respeito ao seu Pai/ Espere até o seu Pai chegar em casa”.

Encerrando a introdução, a autora propõe uma revolução – a do movimento das mulheres – individual, de base “espiritual, familiar, pessoal e emocional”, ampliando a capacidade de comunicar as emoções para uma revolução em escala mundial. Ressalta a força política da ironia e do “sacrilégio” frente a reverência das autoridades, propõe uma reconstrução da linguagem e de seu uso.

“O projeto feminista da liberação de todos é enorme: envolve um completo repensar e refazer da história, cultura, lei, organizações religiosas (preferivelmente, sua total abolição), psicanálise, e filosofia (...) Enfim, tudo deve ser repensado... se nós quisermos sobreviver” (JUNO,1991:5)⁵⁴.

2.5.2. VÍDEOS: DON'T NEED YOU – THE HERSTORY OF *RIOT GRRRL* e BELLA DONNAS – AS MENINAS DA CENA *PUNK*

⁵³ “Sister Sister, where did we go wrong?/ Tell me what the fuck were doing here/ Why are all the boys acting strange?/ We’ve got to show them were worse than queer/ Suck my left one/ Daddy comes into her room at night/ He’s got more than talking on his mind/ My sister pulls the covers down/ She reaches over, flicks on the light/ She says to him: suck my left one/ Mama says:/ You have got to be polite girl/ You have got to be polite/ Show a little respect for you Father/ Wait until your Father gets home/ Fine fine fine fine fine fine fine fine” *Suck my left one* da banda Bikini Kill.

⁵⁴ “The feminist project of liberation of all is enormous: it involves a total rethinking and remaking of history, culture, law, organizes religion (preferably, its total abolishment), psychoanalysis, and philosophy (...) Ultimately, everything must be rethought... if we are to survive” Traduzido por mim.

O documentário *Don't need you – The Herstory of Riot Grrrl* mostra, a partir do relato de pessoas que vivenciaram o surgimento do *riot grrrl* e de alguns documentos como vídeos, fotos e trechos de *fanzines* e machetes de jornal, as movimentações daquilo que viria a ficar conhecido como o movimento *riot grrrl*. Os entrevistados comentam como começaram essas movimentações, o porquê delas acontecerem, qual o envolvimento ou reação deles a elas, de que modo essas movimentações se consolidaram em algo denominado *riot grrrl*, como foi a realização dos primeiros shows e dos primeiros festivais e a resposta da mídia a tudo isso.

O vídeo *Bella Donnas – as meninas da cena punk*, diferente do *Don't need you*, tem a preocupação de situar o *riot grrrl* brasileiro não só em seu surgimento, mas procurando abarcar, ao longo dos seus vinte e poucos minutos, a história do movimento desde seu início meados de 1996 até o momento do documentário, 2004; dando destaque ao feminismo e ao preconceito. O vídeo é composto por excertos de entrevistas realizadas para o trabalho de conclusão de curso de Anelise Paiva Csapo com jovens mulheres que participaram do início do movimento *riot grrrl* no Brasil e continuavam nele até o momento em que o vídeo foi gravado. Há também excertos de entrevistas com homens da cena *punk/hardcore* paulistana dando suas considerações sobre o *riot grrrl* e o feminismo, além da entrevista com a banda *Hugh Grants* a qual as integrantes – todas mulheres – fazem críticas ao movimento, questionando sua necessidade e validade.

2.5.3. NOTÍCIAS DO ACERVO DA FOLHA DE S. PAULO

Foram encontradas doze recorrências para a busca *riot + grrrl*, sendo a primeira notificação do ano de 1993 e a última de 2007. Destas doze, entre reportagens e notas, o número sobe para trinta e duas notícias sobre *riot grrrl*. A maioria das notícias se encontra no caderno destinado ao público jovem *Folha Teen* e no caderno *Ilustrada* e a

maior incidência de notícias no período de um ano foi em 2004 com duas publicações sobre o tema.

Fiz uma seleção das notícias que abordavam, de fato, a temática *riot grrrl*; algumas notícias tinham apenas uma referência a expressão no corpo do texto e, dessa seleção, me foquei nas notícias que me forneciam material para pensar a relação entre o *riot grrrl* e a mídia. Das trinta e duas notícias seis estavam fora do tema e nove faziam apenas referência.

2.6. CRONOGRAMA DE TRABALHO DA SEGUNDA PARTE DA PESQUISA

A segunda parte da pesquisa dará continuidade aos resultados aqui apresentados. A partir da leitura das obras *Angry women in rock*, *Rock she wrote*, *Girls to the front* e *Scum Manifesto* pretendo dar conta da eclosão e constituição do *riot grrrl* nos Estados Unidos, investigando ainda algumas de suas procedências.

No que se refere ao *riot grrrl* nacional, pretendo continuar a levantar materiais compostos pelas próprias *riots* e aumentar o acervo de notícias, como já foi sinalizado; além de continuar a freqüentar o campo. Penso que aqui me concentrarei na maior parte desse segundo movimento devido a dificuldade de acesso e a escassez de materiais.

MES/ETAPAS	Mês 7	Mês 8	Mês 9	Mês 10	Mês 11	Mês 12
Leitura de bibliografia	X	X				
Acervo de notícias		X	X	X		
Produção riot (fanzines, sites, vídeos, músicas e eventos)		X	X	X	X	
Pesquisa de campo						
Reunião do	X	X	X	X	X	X

projeto						
Reunião com o orientador		X		X	X	X
Relatório final					X	X

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis*. São Paulo: Scritta, 1994.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles e Guatarri, Felix. *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra*. Tradução de Janice Caiafa e Peter Pál Pelbart. In: *Mil Platôs*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2008.

ESSINGER, Silvio. *Punk:anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FOUCAULT, Michel. “Soberania e disciplina”. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. “O que são as luzes?”. In: *Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Org. Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

_____. “O anti-édipo: uma introdução à vida não-fascista”. In: *Cadernos de Subjetividade*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP, v.1, n.1; 1993.

GALLO, Ivone Cecília D’Ávila. “Punk: cultura e arte”. In: *Varia História*. Vol.24. Nº40. Belo Horizonte: 2008.

JUNO, Andrea. *Angry Women*. San Francisco: Re/Search Publications, 1991.

LOURO, Guacira Lopes. “Foucault e os estudos *queer*”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MELO, Érica Isabel. *Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Campinas: I-FCH, 2008.

NARDELLI, Rachel. *Discurso do Estado na construção da identidade gay*. Trabalho de Iniciação Científica. São Paulo: PUC, 2010.

O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. Tradução de Paulo Gonçalves. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PASSETTI, Edson. “Foucault-antifascista, São Francisco de Sales-Guia e atitudes de *parresiasta*”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RAGO, Margareth; VEIGA_NETO, Alfredo. “Para uma vida não-fascista”. In: *Para uma vida não-fascista*. Org. Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

RODRIGUES, Fernanda. *O grito das garotas*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2006.

SMITH, Patti. *Só Garotos*. Tradução de Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TEIXEIRA, Aldemir. *O movimento punk no ABC paulista - anjos: uma vertente radical*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2007.

Vídeos:

Bella Donnas – Meninas da Cena Punk. Anelise Paiva Csapo. Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso. PUC-SP. São Paulo, 2004.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=75J4Uvs1GI0> (Parte I)

<http://www.youtube.com/watch?v=S5KHqpIBkaM> (Parte II)

Botinada! – A Origem do Punk no Brasil. Direção de Gastão Moreira. Brasil, 2006.

Don't need you – The Herstory of Riot Grrrl. Direção de Kerri Koch. Estados Unidos, 2005.

Punk de São Paulo em 1983. Direção de Francisco Cezar Filho e Legis Scrincartsburd.
Brasil, 1983.

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=TWxb-xOtWa0> (Parte I)

<http://www.youtube.com/watch?v=jytr8UBmrLE> (Parte II)

<http://www.youtube.com/watch?v=2vMnw2tolhs> (Parte III)

<http://www.youtube.com/watch?v=qB7Vmb3qIlo> (Parte IV)

<http://www.youtube.com/watch?v=jvjOxGqiLU8> (Parte V)

Sites:

<http://acervo.folha.com.br/resultados?q=Riot+Grrrl&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/1993/05/03/25>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/1996/07/02/21>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/1997/10/19/72>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/1998/09/22/21>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2000/08/25/253>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2001/12/17/25>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2002/01/06/101>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/03/08/25>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2004/10/04/25>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2005/02/04/31>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2006/08/04/21>

<http://acervo.folha.com.br/fsp/2007/10/08/25>

<http://www.guardian.co.uk/music/musicblog/2009/sep/14/myths-riot-grrrl-cribs-takeover>

<http://letras.terra.com.br/bikini-kill/152454/>

<http://letras.terra.com.br/bikini-kill/85710/>

<http://letras.terra.com.br/bulimia/76805/>

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php?lingua=ingles-portugues&palavra=riot>

<http://onlineslangdictionary.com/meaning-of/poop>

http://www.dangerousminds.net/comments/kathleen_hanna_the_riot_grrrl_manifesto

<http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=30>

Fanzines e Webzines:

Ação Antisexistista. Disponível em: <http://anarcopunk.org/acaoantisexistista>

Colapsozine. Disponível em: <http://colapsozine.blogspot.com>

Destemidxs. Disponível em: <http://destemidxs.blogspot.com>

Diverso Zine # 1

Na Lâmina da Faca. Disponível em: <http://nalaminadafaca.wordpress.com>

Manifesto rubro – informativo do projeto WenDo-se

Putacore. Disponível em: <http://putacore.zine.vilabol.uol.com.br>

Um Outro Olhar – Garotas Pensantes # 1

Ventre Livre. Disponível em:

<http://vozantifascista.blogspot.com/search/label/Ventre%20Livre>